



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – CSHNB  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**TAMIRES SANTOS NETO**

**EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS NO CONTEXTO DO SERTÃO**

**PICOS- PI**

**2018**

**TAMIRES SANTOS NETO**

**EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS NO CONTEXTO DO SERTÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado à Universidade Federal do Piauí, UFPI, Campus Senador Helvidio Nunes de Barros, CSHNB, Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia, como requisito para obtenção do grau em Pedagogia.

Orientadora: Professora Mestra Isabel Cristina de Aguiar Orquiz.

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo**

- S237e** Santos Neto, Tamires  
Educação de pessoas jovens e adultas no contexto do sertão /  
Tamires Santos Neto.– 2018.  
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (76 f.)  
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em  
Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.  
Orientador(A): Profa. Ma. Isabel Cristina de Aguiar Orquiz.
1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Educação-Sertão.  
Sertanejos. 3. Semiárido. I. Título.

**CDD 374|**

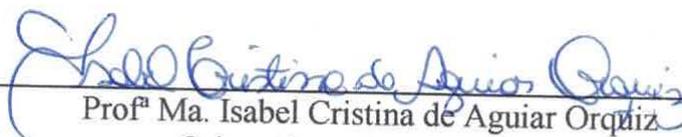
**Tamires Santos Neto**

**Educação de Pessoas Jovens e Adultas no Contexto do Sertão**

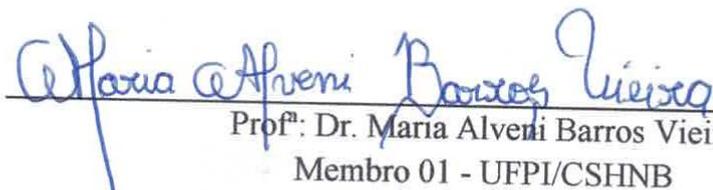
Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado à Universidade Federal do Piauí, UFPI, Campus Senador Helvidio Nunes de Barros, CSHNB, Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia, como requisito para obtenção do título de Pedagogia.

Aprovado em: 10 / 12 / 2018

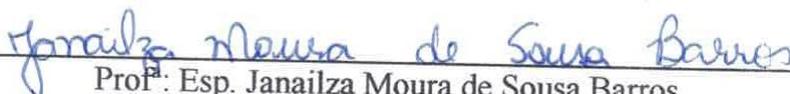
**BANCA EXAMINADORA**



Prof<sup>a</sup> Ma. Isabel Cristina de Aguiar Orquiz  
Orientadora - UFPI/CSHNB



Prof<sup>a</sup>: Dr. Maria Alveni Barros Vieira  
Membro 01 - UFPI/CSHNB



Prof<sup>a</sup>. Esp. Janailza Moura de Sousa Barros  
Membro 02 - UFPI/CSHNB

*Dedico a Deus,  
“Porque dEle e por Ele, para Ele, são todas  
as coisas”.*  
*A minha família,  
que em todos os momentos marcados por  
tamanha aflição acalmaram o meu coração.  
A Sonhadora, Persistente e Poeta,  
pelas contribuições inspiradoras para a  
construção dessa pesquisa.*

## AGRADECIMENTOS

O percurso foi longínquo com tantos percalços, no entanto, o momento mais notório pode ser enxergado diante de tantos horizontes avistados. O instante que se revela, devo retornar nas minhas memórias todos que tão prontamente não mediram esforços as suas contribuições cedidas para que esse sonho fosse concretizado.

A princípio, o meu olhar é estendido a Ele, que me fortaleceu em todos os segundos desses longos cinco anos. Deus, sempre me fez compreender, que nenhuma vitória poderá ser proferida sem momentos de esforços ardorosos.

Aos maiores destemidos que esse sertão fervoroso poderia abrigar, aos meus amados e queridos avós, Maria (in memoriam), Odete (in memoriam) e Antônio (in memoriam). A todos os sentimentos mais lindos, que poderiam ser partilhados entre neta e avós. A toda a garra, entrelaçada as árduas lutas diárias para zelar por toda a nossa família, nesse espaço de clima causticante, que me fizeram aclarar todos os motivos para prosseguir a construir esse trabalho inspirador.

Ao meu zeloso pai e minha aguerrida mãe, por em todos os dias da minha existência terem dedicado cada momento das suas vidas para me fazer mais feliz, fazendo com que sempre eu almejasse me tornar uma pessoa melhor.

A minha irmã de coragem inabalável, que em todos os momentos da nossa vida, mesmo aqueles em que prevaleceram as nossas diferenças, sempre torceu e me apoiou, para que esse momento fosse consolidado.

O meu amado esposo, que nos dias mais melancólicos brotados no universo acadêmico, não me deixou abater, sempre acreditando na minha capacidade, me fazendo substituir as lágrimas por um sorriso relutante e, acreditar que o amanhã seria mais doce.

Aos meus tios, tias, primos e primas, por serem o meu aconchego, a minha calma, e sempre estarem à espreita para me fortalecer.

Ana Simone e Halley, no momento em que eu desacreditei que poderia tecer eventos grandiosos, de forma tão inocente, me arrancaram gargalhadas, demonstrando que nos dias mais tristes um sorriso pode curar as dores mais profundas.

As minhas grandes e estimadas amigas, presenteadas por Deus, Palloma, Dina Márcia e Théssica, sou grata a cada palavra semeada nos momentos mais tristes, que me fizeram mais forte e capaz de perseverar.

As amigas que a Universidade Federal do Piauí me proporcionou, Karen, Brunna, Cristina, Luana e Virna. A todos as risadas e confidências que preencheram os extensos

corredores do bloco de pedagogia. As vezes que me asseguraram que tudo ficaria bem, que a tempestade abonaria espaço para o sol reinar.

A minha orientadora, Izabel Orquiz, por ter volvido o seu olhar para mim e confiado no meu potencial, por me direcionar e muito acrescentar com todo o seu conhecimento para a construção do presente trabalho. Muito obrigada!

A todos os professores que gentilmente enobreceram a minha formação.

As professoras Janailza Barros e Alveni Vieira, por aceitarem o convite para formarem a minha banca de defesa e pelas contribuições.

A Sonhadora, Persistente e Poeta, nenhuma palavra transparecida por mim, pode definir a minha gratidão diante de todas as falas de forma singulares e puras ecoadas, que proporcionaram a esse estudo, relatos comoventes.

Finalizo, agradecendo a todos que se propuseram a contribuir, para que eu pudesse receber a graça de sentir todas as emoções trazidas por essa estação. Que Deus possa retribuir todo o carinho e auxílio dispostos a mim.

Muito Obrigada a todos!

*Educação sertaneja  
É dar valor ao sertão,  
Mostrando a condição  
De sair dessa peleja;  
O que o povo deseja  
- Saúde, água e fartura –  
É uma coisa futura  
Que pode ser construída;  
Uma mudança de vida  
Que passa pela cultura*

*(Hermes Monteiro, 2004)*

## RESUMO

O estudo em tema apresenta a Modalidade de Ensino Educação de Jovens e Adultos nas veredas do semiárido. O contexto apresentado é contemplado a relatos orais, narrados às histórias de vidas que representam resistência do vasto sertão. Como problemática abordamos: De que maneira a Educação de Jovens e Adultos pode contribuir para o bem estar do homem sertanejo, no Povoado de Fátima do Piauí, localizado no município de Picos/PI? Apresentando como objetivo geral, analisar como a Modalidade de Ensino Educação de Jovens e Adultos pode contribuir para a escolarização e bem estar do homem sertanejo. Para os objetivos específicos: conhecer elementos históricos e legais no que diz respeito a educação de pessoas jovens e adultos; investigar a vida do homem do sertão, no contexto do semiárido de Picos, Povoado Fátima do Piauí; averiguar o ensino formal de adultos no cenário do Sertão; identificar elementos que apontem a forma escolar do homem sertanejo como fator relevante para a qualidade de sua vida, foram os seletos. O estudo em curso partiu de uma pesquisa de abordagem qualitativa e descritiva, com o estudo de campo, utilizando como recurso, a entrevista semiestruturada, tendo todos os achados escritos de forma fiel no diário de bordo. Seguida das contribuições da Bardin (1977) para refletirmos sobre os resultados tecidos a análise de conteúdo. Para o suporte teórico elencamos autores/as como: Moura (2007), Ribeiro (2001), Freire (1987), Morin (2001), Figueiredo (2004), Pinzol (2004), ao passo que apreciamos ainda a LDB 9394/ 96 (1996), Parecer 11/2000, PNE (2001 –2010), Diretrizes para a Educação do Campo, dentre outros, que forneceram subsídios imprescindíveis para todo o conhecimento produzido. A pesquisa que se segue nos amparar a cerca de uma educação que não alcança todos os passos delimitados. Distante do seio de vida dos que dela anseiam. Os relatos tão sucintamente brotados revelaram uma prática educativa longínqua de toda a essência vestida aos habitantes de uma imensidão de nuanças douradas. Ao passo, que buscaram na vida madura, novas oportunidades na educação formal alcançar, no entanto, tão escassos foram os resultados conseguidos. Em presença de uma educação que não cercou as suas peculiares, penúrias e todo o seu contexto de vida, que atentou contra o seu bem está, a sua qualidade de vida e os longos anos que poderiam ter sido consagrados a sua escolarização. Dessa forma, marcando destinos que poderiam ser movidos de forma menos dolorosa, a prejuízos sociais, econômicos e políticos.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos. Educação. Sertão. Sertanejos. Semiárido.

## ABSTRACT

The study in theme floats on the Modality of Education Education of Youths and Adults in the sidewalks of the semi-arid. The presented context is contemplated to oral stories, narrated to the histories of lives that represent resistance of the vast sertao. As a problem we address: In what way can youth and adult education contribute to the well-being of the sertanejo man, in Ptimaú do Piauí, located in the municipality of Picos / PI? Presenting as general objective, to analyze how the Education Mode of Youth and Adult Education can contribute to the schooling and well being of the sertanejo man. For the specific delineations: to know historical and legal elements regarding the education of young people and adults; to investigate the life of the man from the sertao, in the context of the semi-arid of Picos, Povoo Fatima do Piauí; to verify the formal education of adults in the Sertão scenario; identifying elements that point to the school form of the sertanejo man as a relevant factor for the quality of his life, were the select ones. The current study was based on a qualitative and descriptive research, with the field study, using as resources, the semi-structured interview, with all the findings written legitimately in the logbook. In the contributions of Bardin (1977) we support to reflect on the results fabricated content analysis. For the theoretical support, we list authors such as Moura (2007), Ribeiro (2001), Freire (1987), Morin (2001), Figueiredo (2004), Pinzol (2004), while we appreciate LDB 9394/96 (1996), Opinion 11/2000, PNE (2001 -2010), Guidelines for Field Education, among others, which provided essential subsidies for all ingrained knowledge. The following research will support us about an education that does not reach all the delimited steps. Far from the breast of those who yearn for it. The stories so succinctly sprouted revealed a distant educational practice of all the essence clothed in the inhabitants of a vastness of golden hues. At the same time, who sought in mature life, new opportunities in formal education achieve, however, so few were the results achieved. In the presence of an education that did not surround its peculiarities, shortages and all its context of life, that attacked against its good, its quality of life and the long years that could have been devoted to its schooling. In this way, marking destinations that could be moved in a less painful way, to social, economic and political damages.

**Keywords:** Youth and Adult Education. Education. Sertão. Sertanejos. Semi-arid.

## **LISTA DE SIGLAS**

**UNESCO** - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

**EJA** - Educação de Jovens e Adultos.

**SENAI** - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

**MEB** - Movimento de Educação e Base.

**MCP** - Movimento de Cultura Popular.

**CPC** - Centro Popular de Cultura.

**CEPLAR** - Campanha de Educação Popular.

**PEI** - Programa de Educação Integrada.

**PEB** - Programa de Educação Básica.

**MOVA** - Movimento de Alfabetização.

**PAS** - Programa Alfabetização Solitária.

**PBA** - Programa Brasil Alfabetizado.

**ProJovem** - Programa Nacional de Inclusão de Jovens.

**CEFFA** - Centros Familiares de Formação por Alternância.

**EFA** - Escolas Famílias Agrícolas.

**EFR** - Casas Familiares Rurais.

**ECOR** - Escolas Comunitárias Rurais.

**CNE/CEB** - Câmara de Educação Básica, Conselho Nacional de Educação.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS: abordagem histórica e legal .....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 A EJA no contexto histórico .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 A EJA no aspecto legal.....</b>	<b>20</b>
<b>CAPITULO II - A EDUCAÇÃO DO CAMPO COMO POSSIBILIDADE DE ESCOLARIZAÇÃO PARA O HOMEM SERTANEJO .....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 A Educação do Campo no formato legal.....</b>	<b>25</b>
<b>2.2 A Educação do Campo no contexto do Sertão.....</b>	<b>28</b>
<b>CAPITULO III - PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO.....</b>	<b>33</b>
<b>3.1 Tipo do estudo.....</b>	<b>34</b>
<b>3.2 Universo do estudo .....</b>	<b>37</b>
<b>3.3 Participantes da pesquisa.....</b>	<b>38</b>
<b>3.4 Instrumentos de coleta de dados .....</b>	<b>39</b>
<b>3.5 Análise dos dados.....</b>	<b>43</b>
<b>CAPITULO IV - ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS A PARTIR DO ESTUDO.....</b>	<b>45</b>
<b>4.1 A vida do homem do sertão, no contexto do semiárido de Picos, Povoado Fátima do Piauí.....</b>	<b>46</b>
<b>4.2 O ensino formal de adultos no cenário do Sertão.....</b>	<b>50</b>
<b>4.3 Elementos que apontem a formação escolar do homem sertanejo como fator relevante para a qualidade de sua vida. ....</b>	<b>57</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>66</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>72</b>

## INTRODUÇÃO

A educação de pessoas adultas no cenário nacional, ganha ênfase a partir do momento em que se constata que o número de analfabetos no Brasil é um problema crônico em virtude da ausência de políticas educacionais que possam refletir um comportamento distinto dos governantes e da organização do ensino como um todo.

Nessa linha, a presente proposição de trabalho de conclusão de curso aborda a educação do homem sertanejo analisando tal contexto na modalidade de ensino EJA – Educação de Jovens e Adultos. Como fio norteador da pesquisa, indagamos sobre “*De que maneira a Educação de Jovens e Adultos pode contribuir para o bem estar do homem sertanejo, no Povoado de Fátima do Piauí*”, localizado no município de Picos/PI?

A essa tessitura, o interesse pela temática respalda devido à pesquisadora ter contato direto com a realidade do homem sertanejo, no Povoado referido acima e observar que, enquanto um protagonista de sua própria história e no provir desta, o homem do sertão não contempla de ações no que diz respeito a uma educação de qualidade que apreciem a sua realidade, características e necessidades, para se ter de fato qualidade de vida, como um bem estar social, econômico e político. O que se tem constatado ao longo da história da educação de pessoas jovens e adultas é a existência de programas que resultam apenas em tentativas frustradas e o insucesso do poder público na área da educação.

Desse modo, a educação revoga a sua relevância para o homem e a mulher do sertão, pois seus acentuados longos anos de vida foram marcados pela inexistência, ou mesmo a precária condição de aprendizagem formal.

Diante do revelado, tem-se o desejo de desenvolver um estudo acerca da educação formal, através da EJA, destinada a formação do homem sertanejo, para isso, o objetivo geral do trabalho é: “*Analisar como a Modalidade de Ensino Educação de Jovens e Adultos pode contribuir para a escolarização e bem estar do homem sertanejo*”.

Enquanto objetivos específicos trazemos: “*Conhecer elementos históricos e legais no que diz respeito a educação de pessoas jovens e adultos*”; “*Investigar a vida do homem do sertão, no contexto do semiárido de Picos, Povoado Fátima do Piauí*”; “*Averiguar o ensino formal de adultos no cenário do Sertão*”; “*Identificar elementos que apontem a forma escolar do homem sertanejo como fator relevante para a qualidade de sua vida*”.

Para concretização do estudo, pretende-se adotar uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa e descritiva onde se busca por meio dos relatos de História de Vida, floradas as narrativas de relatos orais, adentrar no espaço do homem do Sertão piauiense.

Como intérpretes essenciais da presente pesquisa, apresentamos homens e mulheres que ao longo de suas vidas tem-se mantido em situações desfavoráveis em espaços físicos e geográficos que disseminam e reforçam as diferenças sociais, econômicas e políticas em nosso país. Vivem em situações desprivilegiadas para o desenvolvimento humano, apresentando um histórico de vida muitas vezes condicionado ao fracasso social.

Os dados analisados no estudo foram coletados por modo da entrevista semiestruturada e condicionadas no diário de bordo, para registro das histórias de vida rememoradas pelos participantes. Tais relatos são considerados pela Análise do Conteúdo, as contribuições de Bardin (1977) como forma de estar conhecendo e compreendendo de maneira adequada a realidade apreciada.

A fundamentação teórica do trabalho está embasada em autores/as como: Mora (2003), Ribeiro (2001), Mattos (2004), Braga (2004), Bardin (1977), Figueiredo (2004), Minayo (2002), Gil (2008), Richardson (2012) e, nos documentos legais como a Constituição Federal (1988), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, o Parecer 11/2000, Diretrizes para a Educação do Campo, entre outros que idealizaram as luz do suporte teórico, que foram indissociáveis para desenvolvermos todos os objetivos delimitados.

A monografia está estruturada da seguinte forma para uma melhor compreensão do estudo: o início com a INTRODUÇÃO do trabalho apresenta uma explanação geral do que se aborda no desenvolvimento do mesmo. Seguida da estruturação de quatro capítulos, selados as considerações finais, que tecem todos os olhares findados nos objetivos traçados.

**EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS: ABORDAGEM HISTÓRICA E LEGAL:** no primeiro capítulo, oferecemos de maneira breve os aspectos históricos e legais que ao longo dos anos, cometeram a Educação de Jovens e Adultos, uma modalidade de ensino apalavrada a todos que foram lesionados nas suas dimensões sociais, econômicas e políticas, por na idade considerada socialmente viável não ter podido concluir os estudos básicos.

O segundo capítulo nomeado, **A EDUCAÇÃO DO CAMPO COMO POSSIBILIDADE DE ESCOLARIZAÇÃO PARA O HOMEM SERTANEJO:** os aspectos legais sobre uma prática educativa moldada aos contornos do ensino desenvolvido no campo tomaram a primeira parte do capítulo em questão. Seguidas das informações redigidas, de forma prévia, apresentamos uma educação contextualizada de convivência com a imensidão do semiárido, que desenvolva o homem do sertão em sintonia ao seu espaço de sobrevir.

**PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO:** o terceiro capítulo apresenta todo o percurso de forma sistemático, traçado e percorrido. Apresentando a detalhes minuciosos, o

tipo de pesquisa adotada, o *locus* da sua prática, os participantes, os instrumentos sanados para as coletas dos dados, como a análise selecionada para a reflexão dos significados alcançados.

O ultimo capítulo acentuado como a ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS A PARTIR DO ESTUDO: apresenta todas as reflexões resultadas a todos os encontros do investigador e investigados. Que promoveram as respostas aos questionamentos nascidos aos objetivos inicialmente estabelecidos.

A todo o recorte revelado, passamos a apresentação da Educação de Pessoas Jovens e Adultas, destacando os aspectos históricos e legais.



**CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS: abordagem histórica e legal**

*Apoiamos a definição de educação de adultos inicialmente estabelecida na Recomendação sobre o Desenvolvimento da Educação de Adultos adotada em Nairóbi em 1976 e aprofundada na Declaração de Hamburgo em 1997, qual seja, a educação de adultos engloba todo processo de aprendizagem, formal ou informal, em que pessoas consideradas adultas pela sociedade desenvolvem suas capacidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, ou as redirecionam, para atender suas necessidades e as de sua sociedade.*

(UNESCO)

Para catarmos a nossa compreensão de como a Educação de Jovens e Adultos (EJA) pode contribuir para a mudança na qualidade de vida do homem sertanejo, é pertinente conhecermos a trajetória histórica dessa modalidade de ensino.

As Políticas direcionadas para a Educação Básica nem sempre estiveram volvidas para a formação de pessoas jovens e adultas, que por causas das mais variadas, não puderam concluir o ensino básico em idade apropriada. Revendo a história dessa etapa de ensino, intuímos que o direito a educação para essas pessoas, é efeito de grandes transformações históricas, sociais e políticas. Para melhor entendermos esse percurso, o capítulo está dividido em dois momentos. Ao primeiro, destinamos explanar de forma branda a Educação de Jovens e Adultos no seu percurso histórico, dando seguimento, abordaremos as leis e diretrizes curriculares voltadas para essa categoria de ensino.

### **1.1 A EJA no contexto histórico**

A Educação de Jovens e Adultos se apresenta na contemporaneidade, como um contíguo de desafios educativos, que se propõem dar soluções aos problemas nascidos das disparidades socioeconômicas, políticas e culturais que assolam a humanidade em grandeza global.

A educação de adultos, dentro desse contexto, torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI: é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de ser um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça (UNESCO, 1997, s/p).

Partindo do entendimento do poder de promoção social que a essa campo da educação foi cominado, encaminhamos a nossa reflexão sobre o processo histórico da EJA na educação brasileira, sendo pertinente, compreendemos que o caminho de construção dessa modalidade de ensino, vivenciou tempos de lutas, avanços e retrocessos.

O primeiro momento em que incide uma educação direcionada para pessoas jovens e adultas foi no Brasil Colonial, com a ação dos padres jesuítas, que por meio das suas práticas missionárias instruam aos índios e mais tarde aos negros, normas e comportamentos considerados apropriados.

É preciso compreendemos que o pensar em uma educação que adoleça a escrita, a leitura, assim como o ensino de ofícios para as camadas menos favorecidas em particular a Educação de Jovens e Adultos como é ponderada hoje, teve início no século XVIII. As práticas desenvolvidas pelos jesuítas começaram a se preocupar não apenas com o ensino da escrita e leitura, mas das artes e ofícios.

De acordo com Aranha (2006, p. 126)

A companhia de Jesus disponha de oficinas em que mestres jesuítas ensinavam os ofícios mais necessários. Essa atividade também foi intensa nas missões, que se tornaram auto-suficientes, porque os indígenas não aprendiam apenas os rudimentos apenas de ler e escrever, mas diversas artes e ofícios.

Com a saída dos jesuítas e a chegada da Família Real, a educação que incidia para os menos afortunados foi abandonada. As escolas passaram a se ocupar da instrução da elite.

Nesse contexto, no Período Imperial com a criação dos cursos superiores, as escolas se ocupavam do traquejo dos filhos dos colonizadores se restringindo a esse círculo de saberes, homens brancos. Para os jovens e adultos analfabetos que em pluralidade eram mulheres, homens pobres e negros, havia apenas um apreciar preconceituoso que veio em sustentação com a aprovação na época, da Lei Saraiva (1882) com a não legitimação dos votos dos analfabetos. (SANTOS, 2014).

Refletindo a EJA no período Imperial, Moura (2003) ilustra que,

A preocupação com a educação volta-se para a criação de cursos superiores a fim de atender aos interesses da monarquia, por outro lado não havia interesse, por parte da elite na expansão da escolarização básica para o conjunto da população tendo em vista que a economia tinha como referencial o modelo de produção agrário (p.27).

Nos anos do transcurso do Brasil Imperial para o Republicano, mais precisamente de 1887 a 1889, a educação passou a ter mais amplidão. A partir dos anos de 1910, acontece a ampliação da rede escolar e o nascimento das ligas contra o analfabetismo no Brasil. (SANTOS 2014).

Ao cenário descrito por Santos, Moura (2003) reitera, “Com a proclamação da República, mesmo o país passando por transformações estruturais no poder político, o quadro educacional não sofreu mudanças significativas. O modelo educacional continua privilegiando as classes dominantes (p.31).”

Em presença da educação elementar nesse período, ser de encargo dos estados e municípios, nos espaços de tempo das Repúblicas Velha e Novo, não compactou para a ampliação de um sistema educacional articulado e forte, principalmente nas linhas temporais da República Velha (1889 -1930). Mesmo diante do tema do analfabetismo permanecesse no segmento educativo, a não estruturação dos estados e municípios anteparou para que a EJA estivesse em pauta de forma específica nas ações educacionais das políticas públicas.

Em meio a essa totalidade, durante muito tempo, a educação brasileira ficou estática, chegando ao século XX, com um grande número de analfabetos.

A partir da década de 30, a EJA começa a delimitar o seu espaço na educação brasileira, mediante a abertura da consolidação de um sistema elementar da educação pública. Nesse contexto, o governo federal impulsiona a oferta do ensino básico gratuito por meio das diretrizes educacionais estendidas a todo o país, entretanto, o Ensino de Jovens e Adultos aparece no cenário dessas ações, apenas nos anos 40.

A este propósito é útil conjugar, que essas medidas educativas, tiveram como resultado acontecimentos, como o fim da Segunda Guerra Mundial, no ano de 1945, a necessidade de haver união, integração entre os povos, a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), em que sociedade capitalista e grupos sociais dominantes, pregavam um discurso de que o desenvolvimento industrial estava atrelado à capacitação profissional, assim como o governo central, enxergando a urgência do crescimento das bases eleitorais para a sua permanência no poder. (RIBEIRO, 2001).

No ano de 1947, acontece o lançamento da Campanha de Educação de Jovens e Adultos, sobe à direção do professor Lourenço Filho, visando uma formação em massa, funcionando em duas etapas, a princípio, uma alfabetização que ocorreria em três meses, em continuação, uma ação profunda, com a capacitação para o mercado de trabalho. Muitas escolas supletivas foram criadas em todo o Brasil. Por um pequeno espaço de tempo, os números demonstravam o sucesso das medidas, entretanto não houve o mesmo avanço nas ações desenvolvidas nas áreas de zonas rurais. Na década de 50, a campanha chegava ao fim. (RIBEIRO, 2001).

Até esse momento da conjuntura dessa modalidade de ensino, o público a quem se destinava era tratado de forma “psicológica e social como uma criança, um analfabeto incapaz

e marginalizado” (RIBEIRO, 2001, p. 20). Não havendo distinção nas práticas educativas para o ensino infantil e adulto.

Nas palavras do autor,

A instauração da Campanha de Educação de Adultos deu lugar também à conformidade de um campo teórico-pedagógico orientado para discussão sobre o analfabetismo e a educação de adultos no Brasil. Nesse momento, o analfabetismo era concedido como causa e não efeito da situação econômica, social e cultural do país (RIBEIRO, 2001, p. 20).

Ao longo da Campanha, essas afirmações foram sendo descompostas, o seu público alvo começou a ser discernido como capaz de produzir, pensar criticamente e resolver os seus dilemas. As muitas críticas às ações administrativas, pedagógicas, direcionadas a essa prática educativa, abonaram espaço para uma nova forma de enxergar o problema do analfabetismo e o desenvolvimento de uma nova ação pedagógica.

Pretendo como grande representante, o educador pernambucano Paulo Freire, que pregava uma ação educacional popular, humanizadora e emancipadora, centrada no seu público em meio as suas experiências e toda a sua trajetória de vida.

Moura ao se dirigir ao educador coloca que:

Paulo Freire introduzia no cenário brasileiro reflexões e propostas para a educação de adultos que estimulavam a colaboração, a decisão, a participação e a responsabilidade social e política. Explicitava o respeito ao conhecimento popular, ao senso comum do trabalhador, quando defendia a categoria do saber apreendido existencialmente, através do conhecimento vivo dos problemas do trabalhador e de sua comunidade, como ponto de partida da prática pedagógica (2007, p. 12).

Em meio ao seu caráter revolucionário e uma prática pedagógica que entendia nos processos de aprendizagem um contexto envolvido por desigualdades sociais, políticas e econômicas, Freire inspirou os principais movimentos e programas desenvolvidos no país no início dos anos 60. Entre os quais, o Movimento de Educação e Base (MEB), o Movimento de Cultura Popular (MCP), o Centro Popular de Cultura (CPC), a Campanha de Educação Popular (CEPLAR), assim como a criação do método Freire, que comportava um conjunto de procedimentos pedagógicos. Que conformou o educador como precursor da modalidade de ensino para os jovens e adultos no cenário brasileiro.

Com o apoio popular, de educadores e de administrações municipais, o Governo Federal aprova em janeiro de 1964 o Plano Nacional de Alfabetização, que delimitava por todo o país, os programas de alfabetização inspirados nas postulações do educador pernambucano.

No ano de 1964, acontece o Golpe Militar que acaba com as medidas de educação popular atuantes, sob o argumento de iminência à ordem vigente, em colaboração a sua

justificativa, o governo cria em 1967 o Mobral, que delimitava o desenvolvimento crítico e reflexivo do público alvo, através da sua expansão na década 70 acontece à criação do PEI (Programa de Educação Integrada), que atenderia os que acabariam de ser alfabetizados e os analfabetos funcionais. Em substituição ao fim do Mobral no ano de 1985, surge a Fundação Educar, nessa conjuntura estava no poder o Presidente da República Fernando Collor de Melo. Mais tarde, a denominação a ação educativa atuante passou a ser o Programa de Educação Básica (PEB) e mais adiante, Curso de Suplência de 1º Grau. (RIBEIRO, 2001).

Nos anos 80, novas perspectivas são postas para a obtenção da leitura e a escrita, como também para a modalidade de ensino de jovens e adultos, com os subsídios da psicopedagoga Emília Ferreira e os ideários de Vygotsky. (MOURA, 2007). Ainda na década de 80, o governo aprova a Constituição Federal de 1988, que propunha o ensino sendo obrigatório de direito público e subjetivo, o que não ocorreu de forma legítima.

Na década seguinte, surge o MOVA – Movimento de Alfabetização, que tinha como formato, trabalhar o contexto socioeconômico do aluno. No mesmo espaço de tempo, a fundação Educar deixa de existir.

Ainda na década vigente, com a administração do então presidente da época Fernando Henrique Cardoso, surge no ano de 1997, o Programa Alfabetização Solitária (PAS), tendo como responsável a primeira dama atuante naquele período, Ruth Cardoso. Com a mudança de poder, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, passou a delimitar a ação educativa de Programa Brasil Alfabetizado (PBA). (SANTOS, 2014).

Na gestão do então presidente, o Ensino dos Jovens e Adultos passa a sofrer uma mudança considerável, o intuito era desenvolver políticas que possibilitassem a diminuição das desigualdades sociais e o índice de analfabetismo. Através da ação 2030, para a Educação Básica, o governo destinou ao Ministério da Educação a elaboração de planos para essa modalidade de ensino. E, no ano de 2003, é lançado o Programa Brasil Alfabetizado, visto como “a porta para a escolarização de homens e mulheres ao longo de suas vidas” (MEC, 2018, s/p).

Mais recentemente, visando a formação cidadã, escolar e a capacitação para a atuação profissional desses jovens e adultos, foi criado o programa ProJovem – Programa Nacional de Inclusão de Jovens, funcionando em quatro modalidades: ProJovem Urbano, ProJovem Campo, ProJovem Trabalhador e ProJovem Adolescente. (BRASIL, 2007).

É forçoso reconhecer que ao longo dos anos, as políticas públicas da educação básica tenham direcionado o seu olhar para a Educação de Jovens e Adultos, no entanto, é notório

que muito ainda deve ser trabalhado para que essa modalidade de ensino possa alcançar maiores resultados.

No próximo item, daremos continuidade ao eixo debatido, dando espaço aos aportes legais.

## **1.2 A EJA no aspecto legal**

Em vista das questões anteriores levantadas, a partir da Constituição Federal de 1988, estarão sendo abordadas as leis e a legislação, que embasa, fundamenta e outorga a Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade de ensino.

No inciso I, do artigo 208 da Constituição Federal, sobreleva a educação básica como obrigatória e gratuita, dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade e, para todos os homens e mulheres que não a dominaram em idade apropriada. (BRASIL, 1988).

Em acedência, é defendido no artigo 37, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, “a Educação de Jovens e Adultos como destinada a todos que não puderam ter acesso ou continuar os estudos no ensino fundamental e médio, em idade adequada”. Ficando estabelecido em seus parágrafos:

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuidade aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si (BRASIL, 1996)

Em termos simples, podemos dizer que a esse público, deverá ser ofertada uma educação apropriada e gratuita, que considere as suas características, seu modo de vida e a sua atuação profissional, mediante a oferta de cursos e exames, sancionados através de ações, que permitam o acesso e a permanência a essa educação. Que deverão seguir os regimentos propostos no artigo 38 da LDB:

Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular: § 1º Os exames a que refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão de ensino médio, para maiores de dezoito anos (BRASIL, 1996)

Subjacente a tais questões, o Plano Nacional de Educação – PNE de 2011-2020 estabelece como metas para a EJA, elevar em 93,5 % (noventa e três, cinco) a taxa de

alfabetizados da população, assim como a erradicação do analfabetismo e a redução em 50% (cinquenta) dos analfabetos funcionários. Para a profissionalização do alunado atendido, 25 % (vinte e cinco) das matrículas realizadas nos anos finais do ensino fundamental e médio, serão dedicadas ao ensino integrado.

Aos homens e mulheres, que tiveram a sua trajetória nos estudos negada ou interrompida, a Educação de Jovens e Adultos permite o início da reparação dessa realidade. Sendo esse um dos princípios norteadores do Parecer CNE/CEB nº 11/2000, aprovado em 10 de maio de 2000, tendo como relator Carlos Alberto Jamil Cury. A esse documento, são dispostos as Diretrizes Curriculares Nacionais para o funcionamento dessa modalidade de ensino. Abordando em seu contexto,

[...] sistemas de ensino e seus respectivos estabelecimentos que venham a se ocupar da educação de jovens e adultos sob a forma presencial e semi-presencial de cursos que tenham como objetivo o fornecimento de certificados de conclusão de etapas da educação básica. Para tais estabelecimentos, as diretrizes aqui expostas são obrigatórias bem como será obrigatória uma formação docente que lhe seja consequente (BRASIL, 2000).

Sendo de entendimento, que essa educação acontecerá de forma a proporcionar a equidade a todos os atendidos, como situado no parágrafo único, inciso I, “quanto à equidade, a distribuição específica dos componentes curriculares a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades face ao direito à educação”, situado na Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000. (BRASIL, 2000).

Para que essa educação recompense aqueles que foram prejudicados socialmente para com o não ingresso ou continuação dos estudos, o Parecer CNE/CEB nº 36/2004, aprovado em 07 de dezembro de 2004, reitera a necessidade da definição do limite de tempo mínimo de 2 (dois) anos para o Ensino Fundamental e 1 ano e meio, para o Ensino Médio, dos cursos de Educação de Jovens e Adultos em amplitude nacional, visto o funcionamento deles em instância presencial e a distância.

Outro aspecto intrínseco, na modalidade de ensino em questão, perpassa pela formação profissional. O Parecer CNE/CEB nº 20/2005, aprovado em 15 de setembro de 2005, trata da Inclusão da Educação de Jovens e Adultos prevista no Decreto nº 5.478/2005, como alternativa para a oferta da Educação Profissional Técnica de nível médio de forma integrada com o Ensino Médio. Reforçado na Resolução nº 4, de 27 de outubro de 2005, que estabelece a Educação de Jovens e Adultos – EJA de Ensino Médio a ofertar cursos com duração mínima de 1.200 (mil e duzentas) horas destinadas a uma formação geral, em

conjunto a carga horária para a habilitação técnica, dispostas no Projeto Pedagógico unificado, obedecidas as Diretrizes Curriculares Nacionais definidas pelo Conselho Nacional de Educação.

Tratando das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, o Parecer CNE/CEB nº: 29/2006, trás no seu regimento, declarações sobre os cursos supletivos, intitulados de forma apropriada no parecer CNE/CEB 11/2000, de “Cursos de Educação de Jovens e adultos”. O documento transparece as normas em esfera nacional a serem seguidas para todos os cursos presenciais ou à distância, com aquisição de certificados de conclusão.

Outro elemento a totalizar, a respeito dos cursos de Educação de Jovens e Adultos, faz proeminência ao funcionamento deles no segmento à distância. Os Pareceres, CNE/CEB nº 23/2008, aprovado em 8 de outubro de 2008, e o CNE/CEB nº 6/2010, aprovado em 7 de abril de 2010, assim como a Resolução nº 3, de 15 de julho de 2010, trazem no seu interior as normas para a duração dos cursos, a realização dos exames e, a idade mínima para a admissão neles.

Partindo das essências que inspiram a ação dos cursos, e buscando formar “sujeitos ativos e participativos na sociedade que vivem” (BRASIL, 2011, p.2), a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), unidade técnico-científica da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), fazendo uso do Parecer CNE/CEB Nº: 11/2011, solicitou e foi acatada pelo Conselho Nacional de Educação, a oferta da certificação de Ensino Fundamental e Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, de forma presencial no turno da noite. (BRASIL, 2011)

A oferta de um ensino para todos que não o tiveram ou não puderam prolongar-lo, também se vincula as instituições privadas. O Parecer CNE/CEB Nº: 4/2013 reitera que a esses espaços atentarão à oferta dessa educação, sendo cometida aos órgãos do ministério da educação a fiscalização deles, assim como, a realização dos exames unicamente aos departamentos de ensino públicos. (BRASIL, 2013)

No mesmo contexto do Parecer mencionado, o CNE/CEB Nº: 1/2016 nos apresenta um espaço formal de educação no segmento privado, que propõem uma formação continuada aos trabalhadores atuantes nas indústrias. Propondo um projeto pedagógico para ser trabalhado em todas as escolas em regimento nacional do SESI. (BRASIL, 2016). O documento entra em vigor em 27 de janeiro de 2016.

A todo o recorte legal apresentado da modalidade de Ensino de Jovens e Adultos, apreendemos a tentativa de ressarcir a todos que foram lesados socialmente por não poderem

apreciar as mesmas oportunidades que muitos alcançaram nos estudos. Entretanto, ainda é visualizado o não abraço, por parte das políticas educacionais para todos os homens e mulheres que não se apropriaram ou concluíram a educação básica em um período considerado natural.

Decorrida a nossa reflexão sobre a construção da Educação de Jovens e Adultos como um módulo da educação básica, assim como todas as leis e diretrizes curriculares que a encorpam, ao próximo capítulo aventaremos de apresentar a Educação do Campo como possível caminho a ser trilhado dentro da EJA para a formação do homem do semiárido sertanejo.

A photograph of a rural landscape. In the foreground, a wooden fence made of branches and logs runs across the frame. A wooden log lies on the ground, with a brown hat and a stack of books resting on it. The ground is covered in dry, yellowish-brown grass and leaves. The background shows more trees and a clear sky. The overall scene is a rural, outdoor setting.

**CAPITULO II - A EDUCAÇÃO DO CAMPO COMO POSSIBILIDADE DE ESCOLARIZAÇÃO PARA O HOMEM SERTANEJO**

A essa estação da nossa conjuntura de construção de saberes, decorreremos a conceder sobre uma educação que alcance todas as necessidades daqueles, que por fatalidade do destino não experimentaram, colheram os frutos brotados pela educação formal.

“Nessa zona não há inverno, há apenas as chuvas de trovoadas, como diz o povo” (p.56). Nas palavras apresentadas ao relatório de viagem feito por Adolpho Lutz e Astrogildo Machado ao norte do estado de Minas Gerais, assim como as áreas de Pernambuco, Bahia, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte e Ceará, para a Fundação Oswaldo Cruz, que tinha como objetivo reconhecer e buscar medidas contra as secas prolongadas que flagelavam o nordeste brasileiro, na década de 1900. Que conhecemos o longo histórico de escassez enfrentado por essas extensões de terras.

Nesse cenário de poucas gotas de águas caídas do céu, conhecemos o contexto de vida dos homens e mulheres do nosso sertão. Nascidos em uma terra de cactos, mandacarus, xiquexique, pedras e leitos de rios secos no rasgo da caatinga, vegetação que encorpa quase todo o semiárido do ardente nordeste brasileiro.

Araújo (2011) traduz que a Região Semiárida brasileira apresenta como maior destaque o clima, responsável pela diversidade de todos os demais elementos que conchegam as paisagens. Para ele estão ajustadas a vegetação e os processos de formação do relevo com preponderância de um processo sobre o outro se ajustando com a época do ano na estação seca ou chuvosa, aos solos pouco desenvolvidos diante da carência de água. As condições climáticas, mas restritamente as ocorrências das secas, alastram dificuldades para os que nessa região habitam.

Importa realçar que esses homens e mulheres, não fraquejam diante do sofrimento, amparados de sua fé religiosa, das crenças perpassadas ao longo das gerações, que esses sujeitos fortes arcam com a hostilidade de uma terra árida de temperaturas escaldantes. Para esses sertanejos de garra firme e destemida, apresentaremos um caminho de formação que possa levar uma melhor qualidade de vida, contribuindo para o seu bem estar social. Ao primeiro momento do presente capítulo, a Educação do Campo será apresentada no seu formato legal, em sequência, algumas palavras depararão sobre uma educação que caminhe em abraço ao espaço de vida dos nascidos no semiárido.

## **2.1 A Educação do Campo no formato legal**

*Na longa história das comunidades humanas, sempre esteve bem evidente a ligação entre a terra da qual todos nós, direta ou indiretamente,*

*extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana.*

(Williams Raymond)

Para os homens e mulheres nascidos nessas terras, a esse momento que perpassa a construção do nosso trabalho, passaremos a aduzir uma educação que alcance todas as necessidades daqueles pertencentes ao contexto sertanejo. Para fundamentarmos a nossa proposta de escolarização, apresentaremos toda a conjuntura legal que encorpa a Educação do Campo.

Tratada na legislação brasileira como uma educação rural, a Educação do Campo incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, acolhendo recintos pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas. A esse propósito, mais do que um contorno não urbano, é um ambiente que permite a ligação dos seres humanos, com a própria produção das condições da sua existência social com todas as concretizações da sociedade.

A Constituição Federal (1988), no artigo 28 do inciso VI, expressa “a oferta de ensino regular, adequado às condições do educando” (BRASIL, 1988). Entendemos que a educação, deve ser desenvolvida no princípio de superestimar todas as características dos sujeitos a quem se destina.

Partido desse entendimento, o Parecer n.º: 36/2001, que trata das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo embasado no artigo 28 da Lei de Diretrizes e Bases – Lei 93/94/96, reitera que o atendimento escolar a vida do campo deve partir do respeito às diferenças e a política da igualdade, tratando a qualidade da educação escolar na perspectiva da inclusão. (BRASIL, 2001). A essa educação, deverá ser pautada,

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996)

O Parecer entende que uma educação básica para o campo destinada a todos, “inclusive para aqueles que não concluíram em idade prevista”, como presente no artigo 6º do parecer em tema, deve sobrevir em meio às especificidades que torneiam a realidade do campo, como tratado no artigo 2º, Parágrafo único,

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos

estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (BRASIL, 2001)

Em caminho contíguo ao Parecer mencionado, a Resolução CNE/CEB 1, de 3 (três) de abril de 2002, que institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, aclara dos responsáveis ao atendimento escolar nesse ambiente, a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, deverão responder e proporcionar - Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, e uma formação profissional a nível técnica nas comunidades rurais, do mesmo modo, para os jovens e adultos que não frequentaram ou terminaram essa formação em idade prevista. (BRASIL, 2002)

Refletir sobre uma educação básica desenvolvida nessa totalidade, se torna sólida a abordagem da Pedagogia da Alternância, presente no contexto tratado no Parecer CNE/ CBE nº: 1/2006, aprovado em 1º (primeiro) de fevereiro de 2006. A essa proposta que versa de uma educação crescida de forma conjunta, por períodos de formação no espaço formal (escola), calhados por períodos formativos nos ambientes familiares (casas, propriedades e comunidades), dos alunos, resultando na formação interina do alunado e o desenvolvimento do seu meio de convivência. A essa metodologia de alternância se enxerga a melhor escolha para se trabalhar nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio, e na Educação Profissional Técnica de nível médio, funcionando de forma conectada com três agências educativas – família, comunidade e escola. (BRASIL, 2006)

Quando nos deparamos com uma educação que aconteça em meio a uma “organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas”, apontada no inciso II, do artigo 28 da LDB 9394/96, entendemos na Educação do Campo, um caminho que busca atender todas as necessidades envelopadas ao seu alunado. O Parecer CNE/CEB nº: 30/2006 embasa a afirmação feita, quando trás nos seus regimentos, as dificuldades climáticas que impedem aos estudantes o cumprimento de todos os dias letivos, e a busca aos órgãos cabíveis as soluções possíveis.

Desenvolver o homem de forma social e econômica, para que ele cresça em conjunto com a sua comunidade, traduz o objetivo de uma educação desenvolvida no seu contexto de vida. O Parecer CNE/CEB nº: 23/2007 enaltece a redução significativa dos índices de analfabetismo e a disseminação dos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFA), nas formas das Escolas Famílias Agrícolas (EFA), das Casas Familiares Rurais (EFR) e das Escolas Comunitárias Rurais (ECOR), assim como o reconhecimento da necessidade da ampliação ao atendimento do público alvo. (BRASIL, 2007)

Buscando oportunizar e desenvolver a todos que no campo perpassam, como aos que por fatalidades da vida, da educação básica não puderam semear os frutos. O Parecer CNE/CEB nº: 3/2008 em suas páginas envolve aos jovens e adultos, afastados ou que nunca tenham estado na escola, o direito as condições de reparo. Como tratado no artigo 1 do inciso IV, e no Artigo 6,

§ 4º A Educação do Campo deverá atender, mediante procedimentos adequados, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, as populações rurais que não tiveram acesso ou não concluíram seus estudos, no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio, em idade própria;

Art. 6º A oferta de Educação de Jovens e Adultos também deve considerar que os deslocamentos sejam feitos nas menores distâncias possíveis, preservado o princípio intracampo. (BRASIL, 2008)

Ao cenário de políticas públicas educacionais apresentadas, a Resolução nº 2, de 28 de abril de 2008, alcança que para desenvolver uma Educação do Campo de qualidade, necessita ter um respaldo que transparece qualidade e confiabilidade. O Artigo 9º traduz que “a oferta de Educação do Campo com padrões mínimos de qualidade estará sempre subordinada ao cumprimento da legislação educacional e das Diretrizes Operacionais enumeradas na Resolução CNE/CEB nº 1/2002”. (BRASIL, 2008).

Alcançamos nas políticas públicas da modalidade de ensino em tema, o planejamento e o embasamento para uma educação destinada ao contexto do semiárido. Mediante o seu respaldo e as suas resoluções. A diante, explanaremos sobre uma educação do campo que atenda as especificidades e as questões, apresentadas pelo homem do campo no contexto do sertão.

## 2.2 A Educação do Campo no contexto do Sertão

*Sertão terra de encanto de amor, paz e alegria de ar  
brando e mais tocante brisa mansa, leve e fria onde a  
natureza em tudo inspira mais poesia,  
Sertão de homens fortes honestos e conceituados  
corajosos e sinceros onde têm sido criados os  
melhores cantadores e poetas inspirados.*

(Santos)

Nos versos do autor, avistamos um sertão de gente de fibra forte, de bravura inabalável construída a muita sinceridade que vive em meio à abundantemente honestidade. Um povo de valores, costumes, formas de subsistências a décadas enraizadas, a esse homem nascido nessa realidade, entende-se a importância de uma educação que preserve a sua cultura, as suas crenças, que o forme em meio/para a totalidade da sua vivência.

Para alcançarmos uma formação que acolha e permita aos homens e mulheres da nossa vasta terra de brisa singela, mas refrescante, viver de forma mais prospera, nos tomamos em apresentar o início de uma proposta educativa e os caminhos que para a sua prática precisam ser brotados.

Aos resistentes dessa terra de recantos especiais, se aprecia como os protagonistas da sua história, que será viabilizada pelo cultivo de um fazer educacional de fonte popular, que floresça a essas pessoas o entendimento de ascensão, do seu potencial transformador, do poder de mudança das suas realidades, de forma a melhorar a qualidade de suas vidas, em meio ao caminho de poder ler o mundo, compreendê-lo e de poder transformá-lo, como concebido por Paulo Freire (1981).

Em anuência a afirmação produzida por Freire, Werthein afirma,

A Educação popular [...] apóia e inspira ações de transformação social. Nela, o processo educativo se dá na ação de mudar padrões de conduta, modos de vida, atitudes e reações sociais. Portanto, se a realidade social é ponto de partida do processo educativo, este volta a ela para transformá-la (1985, p. 22).

A esse propósito, falar sobre uma educação popular, uma formação para todos, que acheque ao contexto de vida daqueles que dela não puderam colher qualquer benefício. Freitas clareia que a essa concepção de desenvolver os obstinados da terra abrasadora, deve acender o princípio de se realizar “trabalhos de alfabetização e de educação derivados da vida concreta das pessoas e cujo conteúdo, para este processo educativo, advinha da vida e das relações concretas travadas no cotidiano dos educandos”. (2007, s/p).

A essa educação, a autora assegura que ela “está relacionado à possibilidade de poder honrar a origem, as necessidades e características [...] da população” que sucede em meio a temas geradores de conteúdos nascidos da vivência dos que dela desfrutam. Partindo de um princípio muito maior do que apenas caminhar a partir dos saberes conexos para os que dela se apreciam, é uma formação que deve ir ao encontro e acontecer no espaço de vida dessas pessoas, atingindo os que nos ambientes mais diversos estão e se desenvolvendo no espaço de convivência dos que a carecem. (2007, s/p).

A essa totalidade, cremos que a formação para todos que dela foram renegados ou interrompidos pertencentes a essa terra de tempo causticante, devem se apropriar de uma educação que parta do meio da vida dessas pessoas, assim como, busque entrelaçar, conhecimento formal e saberes nascidos das experiências coloquiais, para a construção de um caminho que leve a convivência e a melhoria da qualidade de vida dos que no sertão habitam.

Mattos colabora que a educação crescida para esse espaço deve suceder em meio “as particularidades do semiárido - a questão climática, o problema das secas, a questão hídrica vista sob o prisma global e local, os aspectos culturais e simbólicos presentes – e a necessidade da educação [...] se relacionar de forma mais efetiva com estes muitos problemas” (2004 p. 21).

A despeito, a autora atinge na Educação Contextualizada,

[...] uma proposta de educação ancorada na realidade e nas práticas dos povos do semiárido, com metodologias, conteúdos, currículos, educadores e educadoras, didáticas e estruturas apropriadas à Região, levando em conta as suas potencialidades socioculturais, econômicas e ambientais. (2004, p. 28).

Uma proposta de Educação contida nessa ação deve partir, inicialmente, do princípio de que os seus destinatários são capazes de produzir e espargir conhecimento, enraizados nos seus saberes e experiências cotidianas.

Dialogando com a afirmação deparada, Morin (2001) sintetiza que o conhecimento apreendido somente terá sentido para aqueles a quem se reserva, quando contextualizado, sendo necessário situar informações e dados no espaço que ocorre a produção de saberes, para que estes sejam apanhados com significado.

Fundamentada por essa perspectiva, o processo educativo costurado ao estilo de vida daqueles que o apreciam, deve partir de uma metodologia de ensino que busca intervir socialmente, que entenda um modo de conceber, apreender e dar novos significados a realidade que atua, para transformá-la. É acima de tudo uma educação de convivência, desenvolvida mediante princípios que aperfeiçoe os conviventes de uma realidade peculiar, de uma natureza abstrusa, para melhor conviver, se desenvolver e progredir na imensidão que acontece.

Nessa perspectiva, uma educação de convivência com o ambiente em que é sucedida, concisa em desenvolver saberes indispensáveis, que torna apto aquele que aprende para intervir em situações das mais diversas e transformar de forma sabedor a realidade em que contempla.

Como aclarado nas palavras de Pinzoh,

[...] Educação com pequenos agricultores e lavradores, preocupando-se com a questão climática, reconhecendo que o semiárido tem uma particularidade, e que, portanto, os conhecimentos deveriam estar centrados nessa particularidade para otimizar, inclusive, a relação das pessoas, dos homens e das mulheres, com as condições que a natureza apresenta. (2004, p. 116).

Nesse sentido, o fazer dessa proposta pedagógica de formação deve ser pautada em seis princípios norteadores, acrescidos por D'Alva; Nascimento; Oliveira, Paula como a “busca pela autonomia; o fortalecimento da identidade (pessoal e de grupo); o incentivo à resiliência; o exercício da cidadania; a valorização do saber cotidiano e vivencial, e o favorecimento da criatividade na construção do conhecimento.” (2004, p. 142).

Uma educação que siga esses passos como norte para o seu fazer, deve ser ajustada por um currículo articulado, confinante a realidade em que opera. Aos livros didáticos adotados, aos conceitos e os conhecimentos difundidos, devem estar recheados de significados para os que deles se cultivam, para que aja uma constante e enraizada relação entre o ensino ofertado e o modo de vida dos que o contemplam.

A esse caminho, Pinzoh (2004) complementa a sua afirmação alcançada anteriormente sobre uma educação de convivência com o espaço em que é crescido, quando nos apresenta uma proposta desenvolvida no sertãozinho de Curaçá, estado da Bahia, que seguia uma estreita relação ao proposto nos currículos e o contexto que envelopava aqueles que se nutriam dessa proposta educativa. Partindo de eixos temáticos, a proposta pedagógica se vinculava a *natureza, o trabalho, o conhecimento, a história e as subjetividades humanas*. O autor esclarece as especificidades que compõe cada eixo,

O primeiro eixo traz toda a questão da *natureza*, inclusive da natureza humana, mas, sobretudo, o aspecto mais climático, o aspecto das condições de solo, do subsolo, do ciclo hídrico, da vegetação, da fauna e da flora – essas questões que sempre estão muito presentes na pauta da Ecologia, da discussão do desenvolvimento sustentável [...]; (p.117).

O eixo do *trabalho*, considerando-lo não só como instância em que o homem, ontologicamente falando, mas também a instância em que ele intervém na natureza, tensivamente, para recriar não apenas essa primeira natureza e as condições por ela fornecidas, como também instituir uma segunda natureza, a sua própria natureza, que é onde está situada a produção da cultura, do humano; (p.117).

[...] *conhecimento e dos saberes* e, portanto, uma nova dualidade aparece aí – a essa dualidade está inclusive no regimento – que é a dualidade entre o saber científico e o saber popular, entre o saber oficial, legítimo, e os saberes periféricos, jogados a margem pelo racionalismo moderno; (p. 118).

[...] *história da humanidade*. Na verdade, temos interesse, o tempo todo, em resgatar – *resgatar* é a palavra – as coisas que vão se perdendo, sobretudo no âmbito da organização da identidade; (p. 118).

[...] *subjetividades humanas*, ou seja, o modo como as pessoas vão sendo “subjetivas”, pela natureza, pelo trabalho, pelo conhecimento, pela história, pelos aparatos tecnológicos, pelo espaço, pelo tempo, pelas relações [...] (p. 119).

Aos habitantes da terra dourada, que dela retiram a sua subsistência, se enxerga um grande conhecimento carregado em um semblante de linhas fortes, sofrido com a ação de um

tempo áspero e abrasador. Para a formação desses sujeitos jovens e os mais experientes, que não puderam conhecer ou continuar a colher os frutos que uma educação de contornos formais pode oportunizar, aos educadores competirá o papel de ser a semente para disseminar a união entre o conhecimento sistematizado e os saberes provindos das vivências, do convívio com a imensidão de uma terra de abundantes flores de mandacarus.

A esse arador de saberes sistematizados, D'Alva; Nascimento; Oliveira, Paula (2004) enfloram que tocará o ofício de fazer com que esse processo suceda e não a conceber um perfil imperioso, detentor do conhecimento científico, cometendo com que predomine no centro do processo os que dessa educação se favorecem.

Desse agente formador, se acredita proceder a uma metodologia que parta do respeito para com os seus destinatários, que vise exaltar as suas culturas, as formas de trabalho, como ponto de partida para as formulações dos saberes a serem produzidos, para que dessa forma se chegue ao conhecimento universal.

A esse papel, que é encubado a esse semeador de conhecimentos, cabe o reconhecimento da estimação da sua prática, da sua ação, como facilitador de fazer com que esses grandes homens e mulheres destemidos que no sertão estão, construa um caminho que os possibilite viver de forma próspera, com maiores perspectivas, por meio da oportunidade de conhecer os sabores que uma educação de caráter formal pode trazer as suas vidas. A esse educador competirá sempre se reciclar e capacitar-se, como afirmado por Menezes; Oliveira, Siqueira (2004).

Entendemos que uma educação adolecida em um meio no qual, fatores climáticos, sócio-históricos, culturais e ambientais interfere inteiramente aos que nele estão, deve consentir a esses sujeitos não apenas os conhecimentos acerca do mundo do trabalho, do clima e da terra. Mas, uma formação reflexiva, que possibilite aos que dela auferem repensar as suas experiências, reaprenderem os seus saberes, abrolhando novos significados à sabedoria carregada, para que esses possam se tornar sujeitos humanos, pensantes e ativos, capazes de intervir e aptos a transformar as suas realidades.

No próximo momento do caminho percorrido, trazemos à tona, todos os passos enveredados para florear do presente trabalho.

A painting depicting a rural scene at sunset. In the foreground, a man wearing a dark hat and a brown and white poncho is riding a dark horse. He is leading two oxen, one grey and one reddish-brown, along a dirt path. The background features a white house with a red roof on the right, a smaller white house with a red roof on the left, and a large, bright sun setting behind a line of trees. The overall color palette is warm, dominated by oranges, yellows, and reds.

**CAPITULO III - PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO**

*“É preciso navegar, deixando atrás as terras e os portos dos nossos pais e avós, nossos navios têm de buscar a terra dos nossos filhos e netos, ainda não vista, desconhecida”*

(Nietzsche)

Buscando desvelar o desconhecido, chegamos a uma terra árida de frutos modestos, mas de sujeitos de uma sabedoria inspiradora, analisar como a Modalidade de Ensino Educação de Jovens e Adultos pode contribuir para o processo de escolarização e o bem estar do homem sertanejo.

Para desmistificarmos o que nos indaga, nesse momento da nossa caminhada, trataremos de apresentar os passos dados para se chegar aos objetivos propostos. De forma detalhada, aventuremos de definir o caminho seguido para a construção da nossa metodologia, como o tipo de pesquisa escolhida, o local da sua realização, dos homens e mulheres que a fizeram possível, dos meios utilizados, assim como, o caminho seguido para a análise de dados.

Minayo (2002) nos conduz para a prática da nossa ação, entrelaçada à teoria, quando esclarece que [...] “a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a constituição da realidade” [...]. (p. 16). Nesse contexto, enxergamos esse procedimento, como o composto de meios que contribuem para a formulação das respostas das nossas indagações.

Nessa tessitura, passaremos agora a apreciar todos os passos dados para a construção dessa trilha metodológica.

### **3.1 Tipo do estudo**

A pesquisa permite construirmos a ponte das respostas para os questionamentos cometidos, é mediana a sua prática que tornamos público o ainda aclarado, para assim enviesarmos o bojo da nossa realidade a procedimentos de caráter científicos. Nessa linha tecida, Andrade molda a pesquisa como “um conjunto de procedimentos sistemáticos, baseados no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos”. (2010, p.109)

A sua prática e no entrosamento do seu poder de transformar a realidade do homem, que alcançamos compreender como uma educação de contornos formais pode oferecer esse poder de promoção. Partindo desse entendimento, elegemos a pesquisa qualitativa, como caminho para entendermos de que maneira a Educação de Jovens e Adultos pode contribuir

para o processo de escolarização do homem sertanejo e o seu bem estar, no seu habitat natural, ou seja, no Povoado de Fátima do Piauí, localizado no município de Picos/PI.

Para refletirmos sobre essa questão apoiamos nos dizeres de Richardson (2012, p. 90), que discerne “a pesquisa qualitativa como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados”, sendo pertinente a ampla abertura e compreensão da importância de todas as afirmações apresentadas pelos participantes.

A esse tipo de pesquisa, se entende do pesquisador um perfil que envolva paciência, sensibilidade e criatividade, visto que ele lidará com o estudo do homem e da sua realidade, em anuência, Minayo (2002, p. 22) faz menção de que a “abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas”, a autora nos faz entender nesse tipo de pesquisa, um estudo social que “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações” (p. 21-22), dando importância em compreender as relações e os seus significados, para se ter os subsídios necessários a desvelar os questionamentos feitos.

Nessa tessitura, descrevendo de forma veraz e sem nenhuma interferência todos os significados conhecidos em uso dessa abordagem, a pesquisa qualitativa de abordagem descritiva, possibilita o meio para realizarmos essa ação. A esse propósito, Andrade (2010) afirma a concepção apresentada, quando esclarece,

Na pesquisa descritiva os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles. Isto significa que os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não manipulados pelo pesquisador (p.112).

A essa abordagem Gil (2008) reitera como “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. [...]. As pesquisas descritivas são [...], as que habitualmente realizam os pesquisadores preocupados com a atuação prática” (p.28), que nos permite buscar a compreensão do fator social, através dos subsídios, versados a exemplo, na pesquisa de campo em que “os estudos procuram [...] muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo variáveis” (p. 57).

Contemplando toda a essência presente no conhecimento resultante da entrada a campo, Neto (2002) ilustra, “[...] o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de

conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo”. (p. 51).

O caminho continuou a ser trilhado em meio às narrativas, de relatos orais, que fizeram florir as histórias de vida, percurso entendido como a perfeita abertura para a entrada do pesquisador no espaço do homem sertanejo e assim, mergulhar nas lembranças desses sujeitos para conhecermos e registrarmos o contexto situado nas suas memórias. Para dessa forma, nos adocicarmos sobre os gostos de uma educação formal na vida desses sertanejos.

As memórias sobressaídas nos discursos dos investigados se compõem de forma coletiva, visto que ao construir esses vestígios de lembranças o homem não as molda exclusivamente, mas em um contexto social contornado a um grupo. Assim, pairamos “nas memórias coletivas”. Construídas a concepção de Silva (2013) quando desvenda que “a memória deixa de ter apenas a dimensão individual, tendo em vista que as memórias de um sujeito nunca são apenas suas ao passo que nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social”. (p. 247)

Relatos, que tornaram de conhecimento através das narrativas produzidas por aqueles que as detém, os contribuintes desse enredo, ao passo que fluímos para desabrochar do presente estudo.

Dessa forma, Cunha enaltece,

Ao recorrer a esse instrumental, o pesquisador legitima o papel do ser humano como produtor de conhecimentos, no caso específico das narrativas, um ser contador de histórias, cujos pensamentos, emoções, sentimentos e sobretudo experiências são fontes inesgotáveis de ‘dados’ (s/a, p. 6)

A essas fontes de saberes infindáveis como aclarado pela autora, entendemos como o melhor instrumento para apreciarmos os relatos orais, que são acentuados por Lozano, como uma ação que “[...] procura destacar e centrar sua análise na *visão* e *versão* que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais” (2000, p. 16). O autor nos faz sentir nessa textura, uma fonte de muita consistência e não um mero apoio a pesquisa em curso.

Nesse extremo, conhecemos o contexto vivido ao longo de suas vidas pelos os nossos protagonistas do sertão. Spindola e Santos (2003, s/p) lançam a História de Vida como categoria de investigação que procura envolver o estudioso numa realidade a partir de quem a vivencia, acentuando também que “possibilita o estudo sobre a vida das pessoas, penetrar em sua trajetória histórica e compreender a dinâmica das relações que estabelece ao longo de sua existência”.

As autoras consentem nessa modalidade “um estudo do cotidiano que dirige o olhar do pesquisador para uma dimensão, uma família, um grupo social que pode ser identificado pelas práticas sociais que elabora”. (2003, s/p). Desse modo, aconchegando a vislumbrar todo o contexto de vida que contorna os homens e mulheres investigados, o pesquisador se contempla de maior veracidade para nutrir os elementos indispensáveis ao brotar de saberes.

Tendo semeado o nosso eixo de pesquisa, como a pesquisa qualitativa e descritiva e as linhas a serem seguidas, como a entrada a campo e os relatos de histórias de vida. Passamos ao próximo item, ao qual trataremos de apresentar o espaço de firmação dessa investigação.

### 3.2 Universo do estudo

*[...] Lavoura lá  
Dá só com o cheiro de chuva  
Tem resistência  
O milho e o feijão  
Com uma chuva  
Em cada mês  
A coisa aumenta  
Que a lavoura lá agüenta  
Trinta dias de verão [...]*

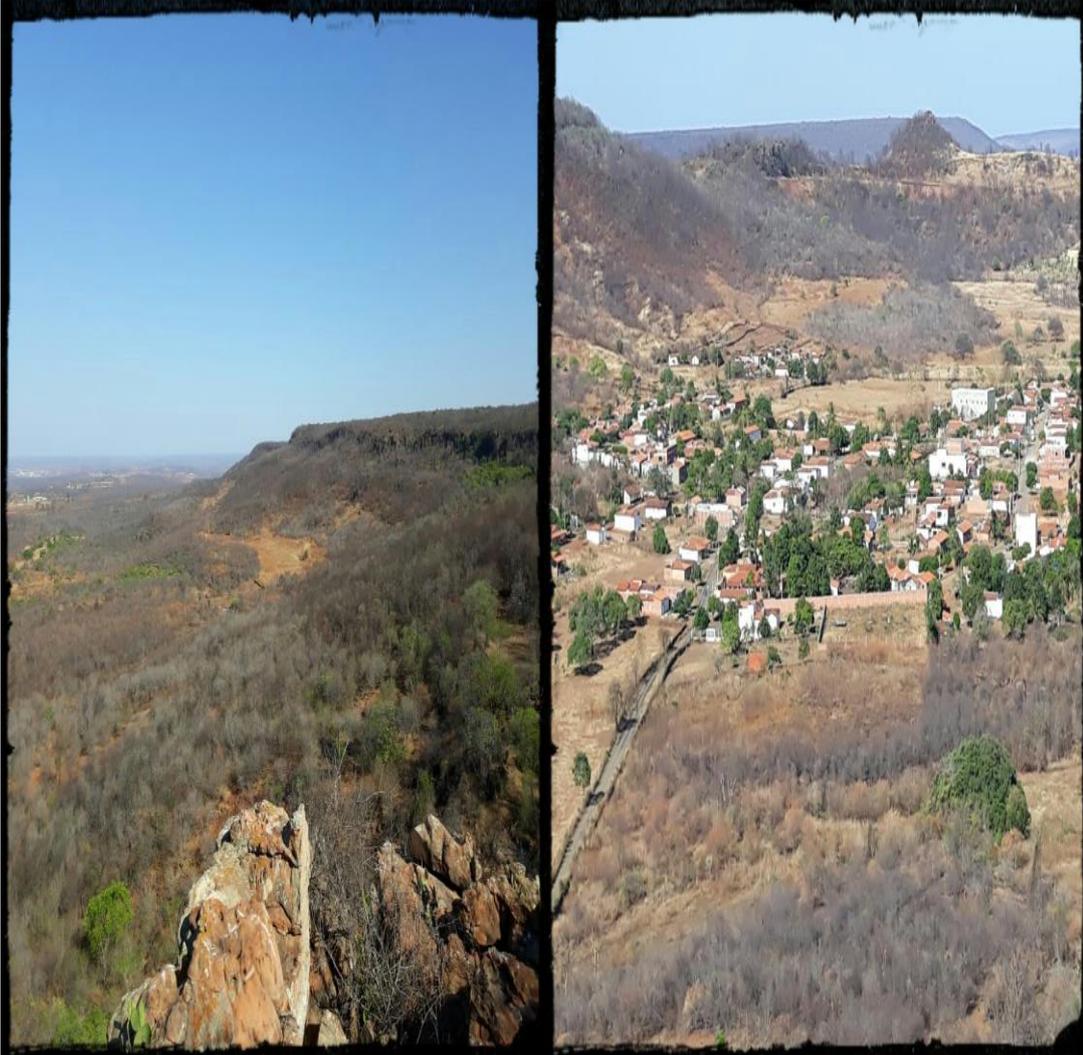
(Sertão de aço – Luiz Gonzaga)

É nessa terra de gente forte e destemida, trabalhadora e sábia, que ao cair da noite senta nas suas calçadas e por meio dos “*causos* e metáforas” (p. 48) como bem apresentado por Figueiredo (2004), passa todo o calar dela apresentando histórias recheadas de muita sabedoria dos mais variados temas, que envolvem o cuidado com a terra, desde o arado, aos plantios do feijão, do milho e da nutritiva macaxeira.

A essa terra, não paira apenas o discurso de como cultivar os solos. Mas como o relato de todo o sofrimento, resistido para a sobrevivência em uma terra de clima diferente, que durante quase todo o ano não afluente uma gota de água do alto da imensidão azul. No entanto, que não deixa de difundir a beleza que se sucede ao clarear do dia,

O sol rasga de vermelho o firmamento, tingindo de vivo sangue o que há pouco iluminava inclemente o mato seco pintado de cinza. A mata, sob a estiagem que se prolonga, escurece até que a coisa vai ficando preta. Percebemos as veredas avistando a ‘jurema preta’ que ainda mescla de um verde quase marrom pedaços da mata. O muçambê e a seda ainda resistem diante do b, r, o, bro que se acentua os dias. São os meses mais quentes no sertão (FIGUEIREDO, 2004, p. 47).

**Fotografia 01:** Localidade Fátima do Piauí.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2018.

É no contexto do semiárido piauiense apresentado de forma poética pelo autor, que depara o universo da nossa pesquisa, a localidade Fátima do Piauí, distante a 12 quilômetros da Cidade de Picos/PI, tendo 2000 habitantes que na sua pluralidade tiram o seu sustento de atividades que envolvem o cuidado, a sementeira da terra, a criação de animais para consumo próprio e a comercialização.

A essa terra de nuances quentes, trataremos de chegar todos os elementos necessários a resolver os nossos dilemas. Em caminho, conheceremos os sujeitos intensos e de bravura inabalável que fizeram desse cultivo de saberes um broto a ser colhido.

### **3.3 Participantes da pesquisa**

*O sertanejo é, antes de tudo, um forte.*

(Euclides da Cunha)

Neste ínterim, o homem, a mulher sertaneja são os participantes do presente estudo monográfico.

Para começarmos a apresentar os “fortes” de forma certa definidos por Cunha, que proporcionaram a essa construção de saber, possível de proceder. Trataremos de esclarecer que por motivos de ética os seus sobrenomes legítimos não serão expostos, dessa forma, a escolha dos seus nomes fictícios confinou por *Sonhadora*, *Persistente* e *Poeta*. Todos com um significado único, que serão esclarecidos no emanar das escritas que se seguem.

Mulher de fibra intensa, nascida a uma família humilde, mas extensa, de sete filhos. Ao longo dos seus setenta anos de existência, conheceu inúmeras dificuldades, aquelas que quando memoradas, trouxeram muitas gargalhadas, outras, fizeram correr lágrimas por um rosto de traços marcantes, refletidos a toda a sua jornada de batalhas para sobreviver um tempo que não oportuna brecha para os fracos.

*Sonhadora*, foi à forma valorosa definida para chamá-la, em todos os momentos que contribuiu com esse enredo, não ocultou que por toda a sua jornada, a sua maior aspiração, flutuava para os seus filhos conhecerem o horizonte de saberes formais que não pode chegar.

Um homem que durante trinta e oito anos dos seus majestosos setenta e sete, dedica-se a profetizar a sua fé à comunidade que reside. Fazendo da sua devoção, conforto para enfrentar tantos dias incertos, marcados pelo receio de o alimento para a sua família carecer. Mesmo diante das destrezas da sua vida, ele perseverou, não desistindo dos seus anseios. Fazendo do escuro das intensas noites, a claridade para insistir a alcançar os seus desejos. Dessa forma, não poderíamos deixar de defini-lo como um grande *Persistente*.

*Poeta*, a forma mais leal, de definir um homem que da sua vida de tantos sofreres, fez da poesia, roteiro para sobressair na busca do conhecimento sistemático. Da sua experiência alastrada aos seus setenta e quatro anos, utiliza dela como plano para todas as noites, a calçada da sua moradia transformar no maior palco de todos, para as suas histórias cômicas narrar.

Semeamos a forma de conhecermos as histórias de vida no item que se aproxima.

### 3.4 Instrumentos de coleta de dados

*“O fio da vida se tornou mais bonito pela certeza que tivemos a coragem de viver o que era a nossa história”*

(Jean Tomita)

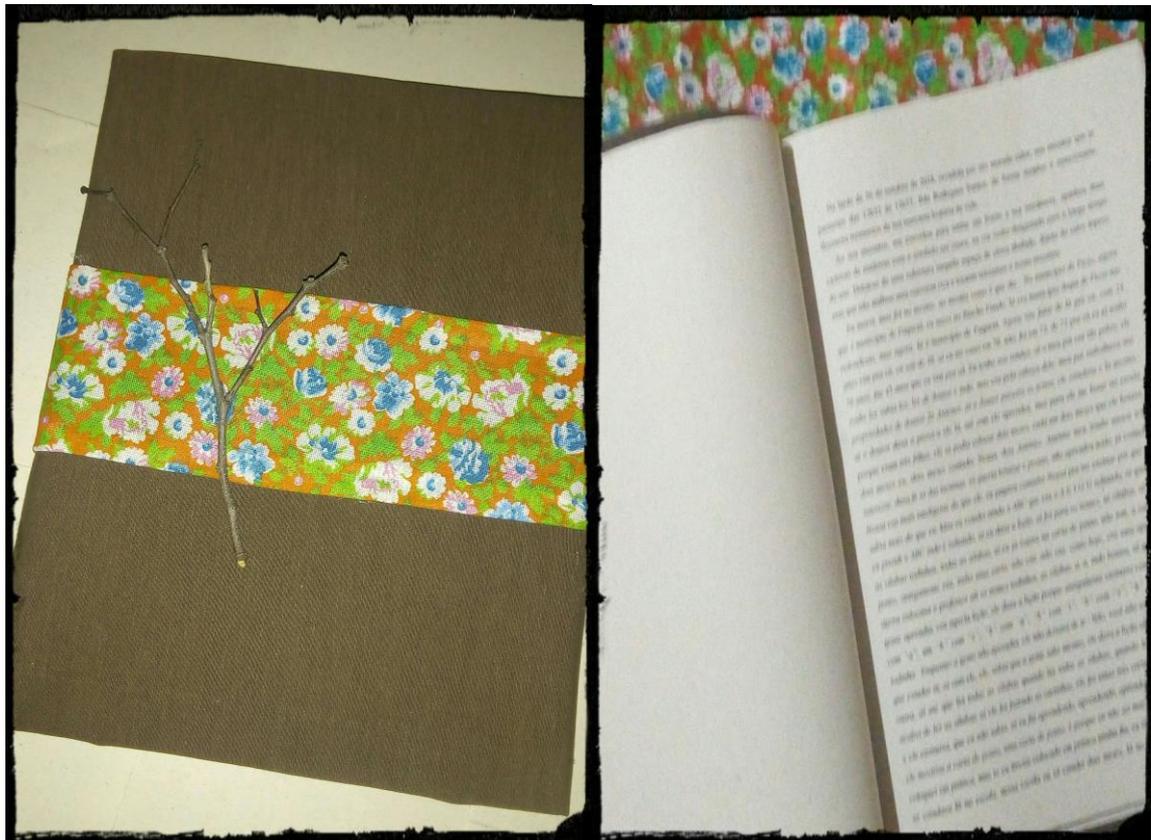
Com a veleidade de apreciar as histórias de vidas, narradas em meio a relatos orais de homens e mulheres pertencentes à localidade Fátima do Piauí. Tracejamos e elegemos o diário de bordo, por compreender nele, um meio a proporcionar uma aproximação mais intensa com as informações extraídas para a coleta de todos os enredos, presentes nas palavras produzidas pelos participantes.

A escolha pelo o diário de bordo como apoio a compreendermos a que passo a Educação de Jovens e Adultos pode transformar a vida daqueles que venha a saborear, calhou no momento que permite aos partícipes do estudo, expor as suas experiências de vida de forma subjetiva, e o pesquisador a fazer o registro delas fielmente.

Estimado como um instrumento que relata os pensamentos mais íntimos, nascidos a eventos experimentados no passado, ou mesmo no presente. Os diários possibilitam o registro das histórias que enflora a quem as narra, reviver e enxergá-las de forma intensa e auto-reflexiva, ao passo que, ao reviver situações marcantes, as compõem atreladas a sentimentos imensuráveis que apresentam fatos antes vividos e agora desvendados. (ALVES, 2004).

A esse registro em diários, dos achados enlevados em pesquisas de desenhos sociais, vem disseminado ao longo dos anos na medida em que permite ao investigador, melhor destreza a sua ação, para assim responder o problema inquietado. Patterson (2005, p. 142) define o diário como o “registro pessoal de eventos diários, observações e pensamentos”. No entanto, o nosso maior desejo perpassa a um registro, mas a uma reflexão partida das histórias de vida narradas, sobre toda a subjetividade que invade o viver de acontecimentos, que foram rememorados e contados.

**Fotografia 02:** Diário de bordo.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2018.

De tal modo, buscamos fazer uso de toda a espontaneidade, as memórias e os conhecimentos, envelopados nos relatos de vida dos nossos protagonistas, floradas as indagações sobressaídas à entrevista, para caminharmos a historiar a nossa trama de saberes.

Richardson (2012) assinala a entrevista como “[...] uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. ”(p. 207). Fazendo uso desse instrumento, pretendemos uma aproximação mais envolvente entre pesquisado e pesquisados, para assim coletarmos todos os contextos fervorosos nascidos a essa interação.

Idealizando o reconhecimento de informações de maneira sutil, assim como, a liberdade de moldar os questionamentos realizados a partir das inquietações surgidas simultaneamente as ocasiões da sua prática. Seguimos para a entrevista semiestruturada, visto nela todas as brechas para desenvolvermos o proposto no início,

Queremos privilegiar a entrevista semi-estruturada porque esta, ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação. (TRIVINOS, 1987, p. 146)

Triviños, nas suas expressões reafirma o revisto a utilização dessa ferramenta de pesquisa, quando tolera maior liberdade, acompanhada a uma espontaneidade sustida na medida em que o investigador rege a sua investigação para impetrar maiores resultados nas respostas dos partícipes.

Apresentados os instrumentos manuseados para a coleta de dados, discorreremos nessa estação, de forma minuciosa sobre os momentos de conhecimento das contações de histórias de vida. No alcance que procuramos desenvolver os objetivos traçados.

O primeiro contato sucedeu mediante uma conversa informal, medida pela grande curiosidade de conhecer os sujeitos que fariam desse estudo algo possível de sobrevir. A início apresentamos os objetivos que conduziam a nossa procura a eles, como a formalização do convite para que fizessem parte da construção desse enredo.

Emoção conduziu e traduziu o primeiro contato do pesquisador para com os participantes desse estudo, ao buscar conhecer e entender a subjetividade que envolve o contexto de vida dos homens e mulheres no nosso amplo sertão. Ao passo, que as primeiras palavras foram brotadas, os relatos iniciais puderam fazer entender todo o florescer de conhecimentos que iriam ser desabrochados. Mediados a esse extremo delineado, as ocasiões em companhia dos nossos pesquisados, a seguir serão referidas.

Na tarde de 26 de outubro de 2018, invadida por um aturado calor, nos minutos que se passaram das 15h22 às 15h57, *Sonhadora* de forma simples e emocionante, apresentou momentos da sua marcante história de vida.

Ao seu encontro, fez o convite para sentar em frente a sua residência, apanhou duas cadeiras de madeiras com o estofado em couro, na cor vinho desgastado com o longo tempo de uso. Debaixo de uma cobertura naquele espaço de clima abafado, diante do calor áspero, mas que não atalhou uma conversa rica e tocante. Nesse cenário iniciamos o nosso encontro.

Ao entardecer, no dia 26 de outubro de 2018, ao encontro do *Persistente* conduzimos. Chegando, houve o convite para assentarmos na calçada de sua moradia, em meio ao clima singelo em meio às árvores que completavam a paisagem e faziam da atmosfera mais refrescante. Logo, que nos acomodou partiu em direção a área interna de sua residência, e vestiu-se de uma camisa bela de muitos botões, de cor azul como a vastidão do céu. Nesse caminhar iniciamos a nossa conversa.

Nesse extremo, a um clima de muito alento, no espaço de tempo de 16h22 as 16h44, um homem de uma serenidade admirável, que enunciou palavras tão cristalinas como a água que calha do alto da imensidão celeste nos dias mágicos que contornam o inverso sertanejo, fez brotar os fatos que semearam a sua história de vida.

Sob um sol forte, interpolado a uma brisa fria nascida de um mormaço que no céu azul e cinza se formava para uma majestosa chuva que se apresentava. Formando um cenário incomum no nosso sertãozinho, iniciamos os nossos passos para conhecer a história de vida do *Poeta*.

Ao começarmos, um sinal de muita estima se concretizou, para acalmar um calor que brotava do chão e entrelaçava o vapor áspero que do alto surgia, gotas de águas nos presentearam com uma brisa mansa, mas resfriaste. Para tanto, nos aconchegamos na sala de sua casa, a um piso, paredes e assentos tão popularmente chamados de cadeiras de macarrão, estrategicamente moldados nas nuances verdes para tornarem o ambiente simples tão aconchegante.

Os instantes que se passaram das 16h00 às 17h16 de 28 de outubro de 2018, iniciaram-se o conhecer de tamanha sabedoria.

Continuando a nossa trilha, conheceremos os meios sanados para analisarmos os frutos colhidos a cada instante em companhia dos nossos participantes.

### **3.5 Análise dos dados**

Eram enredos tocantes, interpretados pelos melhores atores, por aqueles que protagonizaram e mais tarde narraram. Finalizada as apreciações dos registros nos diários, dos relatos emocionantes e comoventes. Conduzimos para arada a nossa terra de análises, para semearmos o solo e mais adiante, colhermos os resultados. Assim sendo, nos apoiamos a uma semente, a análise de conteúdo para refletirmos sobre todos os sentidos tecidos nos relatos de histórias de vida.

Conscientes do instante crucial, representado pela análise dos dados para a pesquisa em curso, e assim desenvolvermos todos os objetivos definidos. O início da nossa reflexão pairou na Análise de Conteúdo, para compreendermos todos os significados envergados nos fragmentos presentes em meio às palavras conhecidas, enlaçadas e registradas nos diários de bordo.

Para tanto, para compreendermos todos os contextos que inicialmente não são avistados nos achados coletados, apoiamos em Bardin (1977) que discerne a essa análise,

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 42)

Na medida em que nos moldamos às afirmações da autora, entendemos na análise de conteúdo “[...] um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”. (1977, p. 31). A esse meio de interpretação, se constrói os subsídios forçosos para que o pesquisador possa construir o seu dialogo em abraço aos relatos lançados pelos protagonistas do semiárido piauiense.

Terminada o mergulho em busca de todos os sentidos presentes nas palavras floreçadas, condicionadas as contribuições de Bardin, e volvidas a todo o conhecimento atrelado ao referencial teórico, iniciamos às transcrições dos trechos pertinentes, seguida das interpretações e reflexões de forma sistemática e concisa de todos os elementos nascidos as histórias suspiradas.

As sementes de forma serena disseminadas remanesceram três categorias a serem analisadas: A vida do homem do sertão, no contexto do semiárido de Picos, Povoado Fátima do Piauí; O ensino formal de adultos no cenário do Sertão; e Elementos que apontem a formação escolar do homem sertanejo como fator relevante para a qualidade de sua vida.

No capítulo a seguir, deslumbraremos o desabrochar do plantio difundido.

A young green plant with several leaves is growing out of a patch of cracked, dry, brown earth. The background is a bright, hazy sky with large, white, fluffy clouds, suggesting a sunny day. The overall scene conveys a message of resilience and growth despite harsh conditions.

**CAPITULO IV - ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS A PARTIR DO ESTUDO**

*“[...] Cada um de nós compõe a sua história, E cada ser em si carrega o dom de ser capaz. E ser feliz [...]”.*

(Almir Sater)

Selado os momentos que resultaram risos, choros e uma sabedoria valorosa, quais conduziram para a ocasião mais bela de todo esse enredo. Passamos para a nossa reflexão a cerca de toda a história de vida de uma mulher que sonhou para os seus filhos, um destino distante do seu, um homem que relutou e não deixou de perceberá, para da escrita e leitura adocica-se, por fim, um sujeito risonho que fez da sua voz um meio a poetizar, os versos dos mais faceiros que podiam ser enaltecidos.

Reflexão sobrevida à silueta sensível, para compreender todos os significados ocultos as palavra brilhadas nas situações de fala firme, de voz tremula, e de pausas para refletir e apanhar nas memórias mais inclusas, as respostas para as indagações desenvolvidas. Ao fim, de todas as conversas abraçadas das escritas no diário, moldamos três brotos a serem zelados: “A vida do homem do sertão, no contexto do semiárido de Picos, Povoado Fátima do Piauí; “O ensino formal de adultos no cenário do Sertão”; e “Elementos que apontem a formação escolar do homem sertanejo como fator relevante para a qualidade de sua vida”. Começemos a aperfeiçoar esse labor.

#### **4.1 A vida do homem do sertão, no contexto do semiárido de Picos, Povoado Fátima do Piauí**

*Madrugada levanta e chama o filho  
Enseguida a esposa esta de pé  
Já prepara a chaleira de café  
Faz beiju, tapioca e pão de milho  
E enquanto o sol chega com seu brilho  
Todos comem na beira do fogão  
Sem porfia, e sem, reclamação  
Porque sabem que a vida é sempre bela  
Lá na roça é assim que se revelão  
O retrato do homem do sertão*

(Edmilson Garcia)

No sertão, levando uma vida de árdua peleja, logo quando dia clareia começa o labor, alimentar as galinhas, cuidar dos suínos, prepara com tamanha satisfação o beiju para fazer a mais perfeita combinação com o café, para assim prepara-se para todos os prélios do dia. A todo esse fazer, ao lodo do amanhecer que se completada a visão que o nascer do sol extasia.

O cenário narrado, nem sempre apaga o sofrimento corrido nas desertas nascentes dos brejos. Nesses dizeres, o *Poeta* assevera “Já sofri na minha vida [...]” declaração que faz sentir um povo, que com toda audácia abarbava batalhas ingratas e nunca recusava a presença de tamanho fracasso.

Naquele tempo tinha o que comer, mas era assim: era feijão, farinha, arroz. A gente não conversava em arroz, arroz às vezes era só um bolinho de arroz no prato de feijão, mãe botava aquele bolinho de arroz, e tinha dia que nem arroz não tinha, era só feijão com farinha. Naquele tempo o negócio era sério, comia um pedacinho de rapadura ‘né’, carne ‘nera’ como hoje não que come carne todo dia, naqueles tempos que era rapaz, carne era de oito e oito dias, comprava um pedacinho de carne pra beber um caldo ‘né’, aí o resto da semana era só feijão com arroz. (Poeta, 2018)

Meu amigo, aí, aí como diz a história, à gente vivia mais na graça de Deus porque tinha dia que a gente nunca faltava o que comer. ‘Meus pai’ ‘mermo’ trabalhava. Depois me casei, mas depois casado eu também já tivemos, assim, crise ruim, ‘aperriada’, mas sempre a gente esperava de viver, a gente pensava de não arranjar o que comer na semana ‘quinhenta’, mas Deus ‘mostava’ que ia adquirir o que comer, nunca faltou graças a Deus. (Persistente, 2018)

Padece restivo de uma extensão territorial marcada por ar temporal que muito castiga e que “transformou-se em símbolo do sofrimento” desse povo que perdura (FIGUEIREDO, 2004, p. 53). *Sonhadora* narra o exposto de forma melancólica, quando revela “porque lá chovia, plantava [...] o legume chega ficava bonito, bom, mas com três, quatro dias, oh, torrava, porque chovia, mas não segurava, era mesmo que nem um fogo a ‘quintura’ era tão grande que era mesmo que nem um fogo, queimava o legume [...]”.

Nos falares dos nossos obstinados, estreamos a exposição dos eventos tocantes da vida desses sujeitos audaciosos, porém inconscientes da nobreza do ser do seu próprio eu, que fizeram dos seus prélios aberturas para relutar e persistir em uma terra de galhos secos, frutas acanhadas, mas renascidos a uma única chuva em presença de desmedida secura.

As palavras citadas, Figueiredo as legitima quando afirma,

O povo desse rasgo da caatinga traz peculiaridades. A alteridade parece ser fenômeno orgânico que lhe reduz áreas de valorização do próprio eu. Entende cuidadoso valor ao outro, ao diferente, ao estranho. A menos-valia lhe marca em brasa define o proprietário desse gado sertanejo. A baixa auto-estima impede de perceber a grandeza desse seu jeito acolhedor de ser (2004, p. 47).

Residentes a uma arena peculiar, que desde muito cedo na roça principiam a labutar e, na meninice começam aprecia o quanto semear uma terra árida esforço requer. Nesse labor, conhecemos os primeiros passos dos fortes no maior cenário de suas vidas,

Na roça eu comecei a trabalhar eu nem sabia trabalhar... Eu fazia era cavar, eu muito que podia ter uns sete, oito anos, aí o meu pai dizia - minha fia, trabalha não é assim

não, é puxando a enxada pra trás, não é assim pra frente não, a gente puxa a enxada é pra trás, puxa e puxa pra trás, eu digo: É assim meu pai? - É (ele respondeu), assim eu fui aprendendo, aprendendo, até quando eu aprendi a trabalhar de enxada... (Sonhadora, 2018)

[...] a minha vida foi assim, desde pequeno, quando eu nasci meus pais toda vida foi da roça, quando eu nasci me criei na roça, com idade de sete anos eu já tava, eu já ia pra roça com o meu pai 'nera', aí me criei, me criei, aí foi na roça, casei e nunca 'abandonei' a roça, até hoje trabalho de roça [...] (Persistente, 2018)

[...] meu pai [...] com oito anos ele me ensinou a trabalhar de enxada, a trabalhar... Limpando mato de enxada, e quando era, tava assim nas plantas logo pra plantar, meu pai me botava pra 'samear' legume, aí aquele, às vezes eu semeava, não semeava direito aí o veio vinha com o cabo na enxada na minha cabeça - isso jeito, trabalha direito moleque (risos) aí eu trabalhava direito, aprendi ligeirinho a semear a terra, o legume, aí comecei a limpar mato, aí eu limpava tão bem o mato que meu pai às vezes deixava pra eu limpar sozinho no quarto de legume porque confiava 'né', passava o dia trabalhando, limpando mato bem direitinho 'né'... (Poeta, 2018)

Esforço tão extenuante, no entanto praticado com abundantemente aspiração e orgulho, para assim sobrevir, zelar de um pedaço de chão e semear o que se nutrir. Um empenho não prezado por quem obtinham “causando sérios prejuízos humanos e sociais” para aqueles que vendiam sua mão de obra. (FIGUEIREDO, 2004, p. 53)

Os relatos ajustados de forma singela apresentam o descaso produzido por quem remunera o trabalho dos existentes do vasto sertão,

As diárias eram Rs um mil-réis, meio dia era Rs 0,50 mil-réis, era Rs um mil-réis, de manhã até 11h00, de 1h00 até 5h00, entrava 7h00 até 11h00, largava 11h00, pega até 1h00, pra ganhar R\$ um mirreis por dia... (Sonhadora, 2018)

Todo jeito 'trabaei', 'trabaei', 'trabaei', na roça pra mim, em diária, em 'impeleita', de todo jeito trabalhava pra sobreviver, era, de todo jeito trabalhei [...] nesse tempo tenha dó, se não sabe... Eu trabalhava de 'impeleita' ou de diária, naquele tempo 'era' Rs dois, três, conto de réis, o dia, era por dia... (Persistente, 2018)

[...] quase de graça, era negócio de mil-réis, Rs dois mil-réis [...] Naquele tempo a gente ia pra roça era pra trabalhar em diária, era 6h00, 6h30, no máximo até 7h00 tem que ta na roça trabalhando, trabalhava até 11h00, aí vinha almoçava, voltava pra roça, 1h00 da tarde começava de novo e ia 5h00, toda vida é assim a diária. (Poeta, 2018)

A todo o esforço do não se abater, o homem do âmbito quente duela com verões intensos, castigando e deixando com sede todos que no meio dele estão a sobrevir. Mas havia um apoio para todo esse sofrer, a fé que não os consente esmorecer e faz os sertanejos não acanharem com o calor propagado, e mesmo com o tempo persistindo a não coopera insiste em semear.

“Uma rede embala sonhos de dias melhores e a esperança cotidianamente renovada na fé”. Os resistentes do sertão jamais perdem a sua devoção, valendo dela para conseguir

suportar as consequências da estiagem, e confiando nela, arada, dissemina as sementes e, confia na colheita desfrutar. (FIGUEIREDO, 2004, p.48).

**Fotografias 03 e 04:** Artigos religiosos, presentes no acervo pessoal do Persistente.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2018.

Dessa imagem, o povo do semiárido investe o pouco que possui, sem temor e sem lamentação, faz todo o arranjo e espera dela se aformosear,

Eu achava bom quando dava uma chuva grossa, dava uma chuva grossa nos já sabia que tava bom pra plantar, a gente ia e plantava, nascia, plantava três, quatro covas de feijão, quatro de milho. Valíamos da chuva e da fé... 'Oia', quando a gente ia pra roça, só pensava em Deus pra Deus dá aquele legume, pra gente plantar, pra gente dá a nós, era assim. (Sonhadora, 2018)

[...] a gente planta, a gente planta não é confiado na gente, à gente planta confiado em Deus, nós não governa nem a nossa vida, nós plantamos esperamos que 'vamos' colher, mas a esperança ta em Deus... Porque nem a nossa vida nós não domina, nós só temos a nossa vida até a hora que Deus quiser... Nem a nossa vida que é a coisa que nós podemos amar, nós não somos donos da nossa vida 'né'... É, vai da fé se não tiver a fé, se não tiver a fé, ninguém planta nada pra colher, só no desespero, mas a fé é quem... A confiança em Deus é que... Faz a gente criar 'né'... (Persistente, 2018)

Aí agora a gente 'aplanta' com fé em Deus 'né' porque se Deus quiser planta, e aquela planta nasce se cria e dá bom 'né', o feijão 'flurola' 'né', que dá bom, mas Deus ajudando primeiramente é que às vezes você planta a lagarta come e a aí nada feito é, mas a gente plantando com fé em Deus, a gente planta na fé de tirar, pois é se 'o caba' não tiver fé não adianta plantar, 'né'. (Poeta, 2018)

A palavras modestas, mas apresentadas em vasta sabedoria pela *Sonhadora*, o *Persistente* e o *Poeta*, narram o contexto de vida desses que anseiam da sua fé para prosseguir a uma terra de fazeres escaldantes, habitada por moradores que nunca se abatem. Os relatos conhecidos das pelejas vividas conduziram os trajés que a educação formal vestiu a suas vidas, que foram relatadas tão expressivamente nas escritas que se aproximam.

## 4.2 O ensino formal de adultos no cenário do Sertão.

O ensino no sertão não consente clamor. Mesmo a presença de toda a aflição o homem não enfraquece, procede e peregrina a encontro do ensino formal. Para conhecermos o contexto enveredado ao ensino na vida adulta nas encruzilhadas do semiárido, levaremos em apreço alguns assuntos conexos ao universo vivido na buscar do saber.

Nesse contexto, nos propusemos a conhecer os caminhos seguidos pelos os sertanejos a busca de uma formação. Para tanto, apontaremos sobre os meios sanados para cometer de uma educação formal, a imagem dos condutores dessa prática, os artifícios apanhados, assim como, os saberes tecidos pelos nativos do vasto sertão.

Na infância desprovida em uma terra de tempo judiaste, perseveraram os nossos destemidos. Diante das muitas provações do tempo, da remuneração insuficiente ou mesmo o pouco caso que o ser criança trás, os estudos na vida pequena não prosperaram,

[...] aí o meu pai era tão pobre, ele soube ler sabia ler, ler de doutor e tudo, mas era pela cabeça dele, meu pai trabalhava nas propriedades de doutor Zé Antenor, aí o doutor passava os textos, ele estudava e lá mesmo, aí o doutor dava a prova a ele lá, até com ele aprendeu. Mas para ele me botar na escola porque eram três filhos, ele só podia colocar dois meses, cada um dois meses que ele botava, dois meses eu, dois meses comadre Neuza, dois Antônio. Mas eu estudei ainda o ABC que era o A E I O U voltando, aí quando eu prendi o ABC indo e voltando, aí eu dava a lição, aí foi pra os nomes, as sílabas, aí eu li as sílabas todinhas, todas as sílabas, aí eu já estava na carta de ponto, não tem, a carta de ponto, antigamente era, tinha uma carta, não era, não era como hoje, era uma apostilha, agora colocava o professor ali os nomes todinhos, as silabas, a, a, tudo botava, aí quando a gente aprendia, era aquela lição, ele dava a lição, porque antigamente ensinava com um “b” com “a”, um “b” com “e”, “b” com “u”, “b” com “i”, “b” com “o”, “b” com “u”, todinha. Enquanto a gente não aprendia, ele não deixava de ir - Não, você não sabe não, tem que estudar aí, aí com ele, ele, sabia que a gente sabe mesmo, ele dava a lição aí passava pra outra, aí até que lia todas as sílabas, quando lia todas as sílabas, quando lia, quando eu acabei de ler as sílabas, aí ele foi fazendo as cartinhas, ele fez umas três cartinhas pequenas e ele ensinava, que eu não sabia, aí eu fui aprendendo, aprendendo, aprendendo, até quando ele mostrou a carta de ponto, uma carta de ponto, é porque eu não sei mais, já esqueci, não coloquei em prática, mas se eu tivesse colocado em prática [...] eu tinha aprendido, eu só estudava lá na escola, nessa escola eu só estudei dois meses [...] que era o professor, o professor Sebastião Honório, ainda hoje ele é vivo, ele era professor, ele era, ele era... Alfaiate, tudo ele fazia, tem gente que aprendeu ser modista porque ele ensinou. (Sonhadora, 2018)

*Sonhadora*, relata de forma enternecedora que nos tempos da sua infância os estudos eram privados, o seu pai diante da condição restrita, não pode por muito tempo costear a sua formação, e as dos seus irmãos. No entanto, a limitada temporada permanecida no espaço escolar, a cometeu um conhecimento intuído por um educador de performances variadas, que não desistia, desamparava, ao ponto que seus aprendizes, o conhecimento ensinado haviam abrangido.

Encerrada a sua primeira temporada experimentada por uma mulher nos saberes que o ensinar-aprender pode afiançar, para *Poeta e Persistente* prosseguiremos a apresentar os seus primeiros passos cometidos à formação escolar.

O ser criança trás um gosto próprio, adocicado como da rapadura, de poder brincar, brincar, sem se preocupar, às vezes extrapolando os limites, os deveres a serem cumpridos. Assim, facetou *Poeta*,

Aí meu pai me botou numa escola, lá num colégio, eu não tinha interesse pra nada (risos) eu ia pra escola e ia era brincar, comadre Ana, eu ia mais comadre Ana, comadre Ana aprendeu bastante ‘né’, e eu ia era brincar, menino não tinha, tinha interesse não. [...] aí todo menino estudava, lá não aprendi nem a assinar o nome, teve um dia que eu fiquei foi de castigo, ela trancou (Professora) o colégio e eu fiquei: oh meu Deus agora. Nesta que comadre Ana ainda era menina, Ana vai chegar lá enredando que eu (risos) tava brincando e a professora me botou de castigo, aí eu dei pra chorar, o menino é bicho besta, aí a professora trancou, mas ela deu assim uma voltinha, voltou e abriu... - Pode saí vai, acompanha sua irmã, mas se você ainda ‘caí’ em outra vez você vai ficar trancado. (2018)

A realidade na infância apresentada demonstrou que *Sonhadora* aspiração não faltava para no ensino formal favorecer-se, mas sua família a uma realidade de recursos escassos, não pode proporcionar para ela e seus irmãos uma formação. A um lado diverso, *Poeta* foi privilegiado com a oportunidade de o conhecimento formal frequentar, mas não soube empregar. *Persistente*, distinto dos demais, apenas na vida adulta na escola pode está “Quase não estudei, o meu estudo foi pouco, eu não, não tenho o segundo... Grau dado pelos meus pais, o pouco que eu estudei foi depois que eu me casei...”

Traços rabiscados, ou nenhum pontilhado cursado na educação básica. A partir dos relatos iniciais oferecidos é de esclarecimento apontamos que a Lei N° 9394/96 da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), garante o direito de uma formação básica para todos que nas estações estimadas como aptas para germinar saberes não conheceram, seguiram a se deslumbrar com as formosuras dessa ocasião, quando aborda no seu artigo 37:

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuidade aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. (BRASIL, 1996)

Conhecido os contextos revelados, apresentaremos uma educação para jovens e adultos crescida no espaço sertanejo. Educação apalavrada não apenas a espaços públicos, mas aqueles que a pudessem saldar ainda a desfrutavam. “Meu ‘sogo’ botou uma escolinha

particular para a as filhas dele aprender, aí eu fui, estudei um ‘pouquim’, eu, eu comecei [...] não sei se foi duas ou três semanas que eu estudei, eu paguei uma coisinha, não lembro nem o que era que a gente pagava...” *Perseverante*, explica que o primeiro horizonte seguido para no mundo letrado se aprimorar, partiu a uma escolar particular.

A sua modéstia apresenta a metodologia adotada para que o conhecimento sistemático o fizesse companhia, “Naquele tempo tinha a ‘sibra’, a ‘sibra’, nome, aí, aí começava a copinha de carta, aí quando eu saí, saí nome”. No entanto, as suas aptidões floresceram a outro espaço,

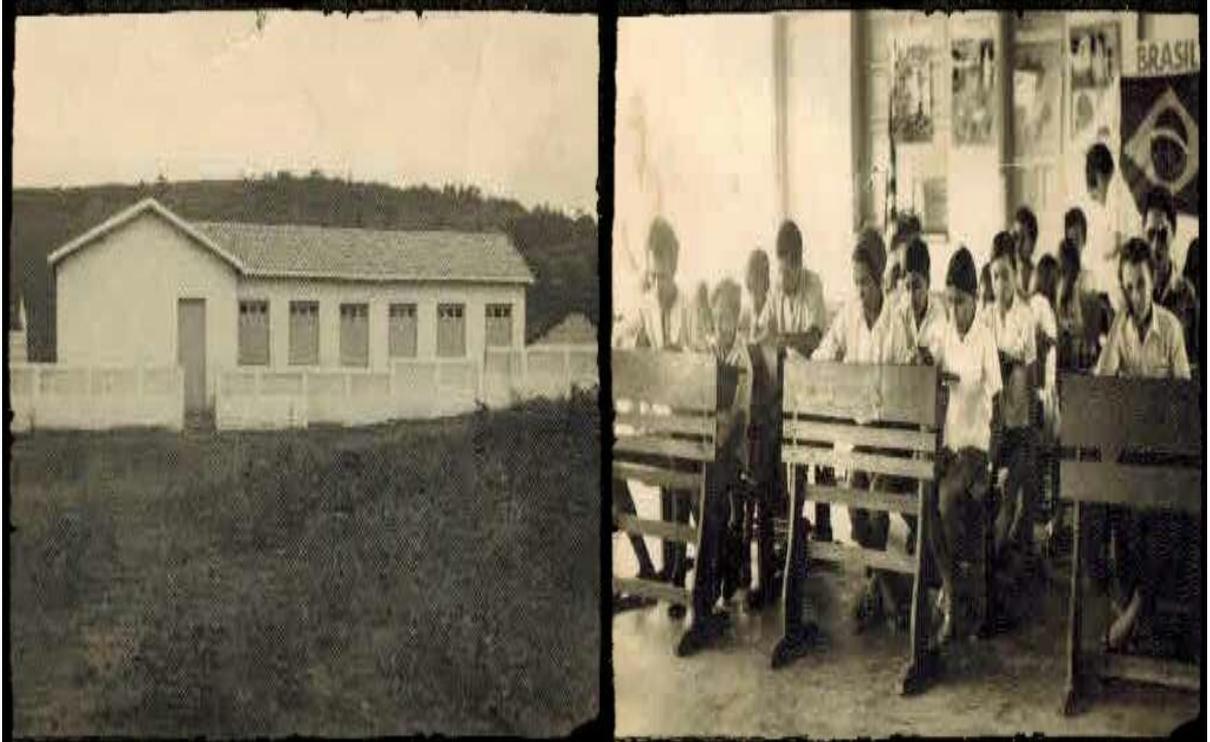
Lá onde ‘nós’ morava não tinha energia, não tinha nada, gastei muita lamparina de querosene de noite, eu sozinho [...] eu ficava perambulando de noite pelejando, gaguejando pra ler, comprei uns romances [...] Romance que a gente chamava era os ‘folhetezinhos’ que tinha história, história, história, um livrozinho... De cantador de todo diacho... [...] aqueles ‘folhetezinhos’ eu estudei muito, pra mim foi umas das coisas que mais me desenvolveu a minha leitura ‘né’, pois é, foi sozinho [...] (2018)

Um homem que nas dificuldades não deixou abater, relutou, e fez das hostilidades força para prosseguir no relento da noite, e na luz das lamparinas aproveitou dos romances para adotar a sua leitura. De forma poética, Figueiredo retrata a coragem desse ousado do semiárido, “Os povos dos sertões convidam a um observar mais detido na riqueza que lhes é peculiar. Ensinam um saber [...] Despertam na gente um bem-querer e um respeito pelo ser humano que enfrenta valorosamente os embates que ocorrem na arena de um tempo diferente”. (2004, p. 48).

*Sonhadora* depois de compor a sua família, não relutou em buscar na Educação de Jovens e Adultos apreciar os conhecimentos antes não conhecidos. Nas estações de maestria do Mobral buscou o abraço do ensino formal, mas não foi bem sucedida. Argumentando que o conhecimento tecido não fazia sentido, o livro utilizado não conseguia compreender, a lousa não a amparou, visto que não a utilizavam com clareza,

Lá eles botavam na lousa, não era como antigamente nas cartas, lá já tinha a lousa, aí ele dava o livro, mas eu não sabia, eles não ensinavam só era lá na lousa, isso aqui: é, é, é, é, coisa, é tanto, mas isso aqui, isso aqui já vale tanto... Já vale isso, ai... Como um analfabeto aprendia, não aprendia agora se fosse como lá, em Sebastião, que era soletrando e dizendo, dizendo, dizendo e dizendo, a gente podia ter aprendido um pouquinho. Não achei mais fácil não, porque eu não aprendi nada, eu só aprendi o meu nome mesmo porque lá eu já tinha aprendido, porque desde, de 72 que eu voto e, já era com o meu nome que eu sabia fazer, mas foi lá, aqui eu não aprendi nada [...] (2018)

**Fotografia 05 e 06:** Turma do Mobral na escola Helvídio Nunes de Barros, Povoado Fátima do Piauí.



**Fonte:** Arquivo da Escola Helvídio Nunes de Barros, década de 70.

Experimentamos no depoimento da *Sonhadora* que o saber apresentado, remoto a sua realidade e o seu contexto vivido a desestimulou, fazendo com que ela acreditasse que uma pessoa na sua condição (analfabeta) não poderia perdurar a transformar a sua realidade. De tal modo, Mattos (2004) afirma que “[...] o conhecimento só tem sentido quando situado no contexto, ou seja, faz-se necessário situar informações e dados no contexto para que estes adquiram sentidos” (p. 24). Nesse desenho, a relevância a uma educação nessa grandeza, ser moldada na totalidade das características e condições dos que a auferem estremerá o sucesso da sua prática.

Amadurecido *Poeta* percebeu que na escola teria muito a afeiçoar. Mas o destino não cooperou, diante das responsabilidades que a vida adulta oferece unicamente ao estudo não poderia se reservar, “eu tava com uns 18 anos de idade, 18 anos, aí lá a professor era boa, aprendi a assinar o meu nome bem ‘né’, aí eu tinha interesse... Passei um mês e pouco, isso aí, mas eu ia estudar de manhã e trabalhar de tarde, trabalhar de tarde ‘né’.”

Mas até aprendi um pouco, assinei o meu nome bem... Era a professora, era até boa... Comecei, eu comecei em nome né, negócio de ABC, mas o ABC de um dia pro outro eu passe por cima, a professora - oxente, esse menino já era, parece que já era ensinado, porque lá no Dom Expedito eu já estudava isso aí, aí me botou o nome, aí o nome foi ligeiro eu dei pra soletrar nome, ela - rapaz tu é bom na, na escola, aí do ABC, da, da, eu fui pra cartilha, da cartilha eu passei pro primeiro livro, primeiro ano 'né', um livro que chamava primeiro livro, aí... No... Pronto eu saí no primeiro ano. (2018)

O pouco tempo destinado ao saber sistemático, não acanhou a sua grande desenvoltura. Com um orgulho visível, ele transluz as facetas da sua autoria na época que esteja na escola, assim como um semblante obscuro da educação sertaneja.

Doutor Severo... Foi à escola era paga por ele 'né'... Lá era a escola, escola pública 'né', pago pela prefeitura, eu acho que nessa época o finado Severo era prefeito aí ele botou essa escola lá, pagou essa professora pra ensinar os alunos, lá tinha um oito ou dez alunos nessa escola... 'Era' quase todos da mesma idade, não, tinha uns de menor idade, assim de 15 anos... Mas o mais era da minha idade, aí, aí foi na época que eu fui matricular pra tirar o meu título, título eleitoral, o doutor foi quem veio pra fazer a petição dos alunos que já tava na idade de votar, aí eu 'botei' meu nome, assinei logo o nome lá, aí fez a petição e, - 'Tal dia venho' entregar o título de vocês, aí ele veio mesmo, aí nessa época eu tava com 18 anos, aí eu votei 'né', votei até pra ele... Pro doutor Severo [...] (Poeta, 2018).

Quando não podia os estudos financiar, dependia da estima de homens que empregavam das suas condições favoráveis uma oportunidade de escambo de serviços. Para esse retrato da educação, as palavras de Figueiredo (2004) definiram como “[...] perspectiva de geração de lucros eleitorais” (p. 53).

A vida beirou o seu percurso, *Sonhadora* repetidamente a novos ares no ensino formal catou, “[...] Francileda colocava na lousa, aí dizia isso aqui, nome de fulano, isso aqui já, já vale tanto, isso aqui já é tanto, aí como é que a gente aprendia também...” Desse modo, o segundo momento experimentado nos sabores do conhecimento sistemático não houve tampouco o resultado acreditado, mais uma vez o percurso antes traçado ecoava. “O que eu aprendi mesmo foi o que estudei na primeira escola, quando era criança porque a gente adulto [...] a memória é mais ‘ruda’, aí aprendi a escrever o nome, mas eu conheço os números, não sei ajuntar, eu conheço as letras, não sei ajuntar para formar o nome...”

A realidade a uma formação que não vianda no contexto e penúrias de quem a aprecia, Morin (2001) aponta que o conhecimento apenas terá sentido quando adquirido em meio a dados e informações contextualizados no espaço de desenvolvimento. Dessa forma, o ciclo da educação construída na vida adulta escasso a poucos resultados, causou a uma mulher que na imensidão letrada não alcançou o que aspirava, atingir os dias atuais sabendo referir apenas o seu nome, aprendido na infância.

No percurso que se segue, apresamos a necessidade de relembrarmos o revelado no Parecer CNE/CEB nº 11/2000, aprovado em 10 de maio de 2000, referido por Carlos Alberto Jamil Cury. Ao documento em tema são arranjados as Diretrizes Curriculares Nacionais para o funcionamento da modalidade Educação de Jovens e Adultos. Acometendo em seu contexto,

[...] sistemas de ensino e seus respectivos estabelecimentos que venham a se ocupar da educação de jovens e adultos sob a forma presencial e semi-presencial de cursos que tenham como objetivo o fornecimento de certificados de conclusão de etapas da educação básica. Para tais estabelecimentos, as diretrizes aqui expostas são obrigatórias bem como será obrigatória uma formação docente que lhe seja consequente (BRASIL, 2000).

A aquisição do certificado de conclusão dos estudos básicos, como assinalado no parecer referido, *Persistente* enaltece a maior destreza do Mobral, “aí deram até diploma pra gente, quem tirou diploma aí serviu ‘né’ [...]”. Visto as dificuldades que aceiravam o ensino desenvolvido,

No Mobral era mais cansada, mas servia sempre ‘né’. [...] A gente trabalha o dia todinho, de noite ia cansado e a aula também é pouca ‘né’, o tempo é coisinha [...] o tempo, era tudo na ‘cambiarra’ ‘né’, mas de qualquer maneira serviu ‘né’, o pouco serviu sempre... (2018).

**Fotografia 07:** Turma do Mobral na escola Helvídio Nunes de Barros, Povoado Fátima do Piauí.



**Fonte:** Arquivo da Escola Helvídio Nunes de Barros, década de 70.

Com palavras brandas, o homem perseverante apresenta o cenário da metodologia empregada, “[...] vinha os livros escrito já pra gente estudar, já vinha os livrão pra gente estudar aqueles nomes... Não me lembro nem se tinha quadro [...] parece que não tinha não, me lembro mais não se tinha, sei que tinha os ‘livrão’ pra gente estudar [...]”.

Lidado a atuação do Mobral, os audaciosos continuaram a persistir para mais saber apanhar. O *Poeta* descreve de forma risonha os momentos marcantes durados nos períodos da escola do professor Sebastião, titulado como um “sujeito bom”,

Aí quando eu entrei na escola do professor Sebastião, eu comecei a ler lá tudo, aí ele - Não rapaz você tem condição de passar pro terceiro ano já, aí já me botou pro terceiro ano [...] lá era de adulto, de criança e de tudo, homens e ‘muie’, lá estudava muito gente, aí lá o professor Sebastião - Rapaz você é bom na... Pra soletrar nome, você vai aprender mesmo porque você ler as soletrando e tudo, o menino é desembaraçado [...] O professor - mais rapaz que menino da memória boa (risos) eu já era rapaz já, mas me chamava era menino... (2018)

A sua metodologia de ensino comportava os versos de poesia e na competição de soletrar palavras. Os vocábulos emitidos alastravam um gosto amargo, na medida em que não desenvolviam a atividade com destreza a palmatória era utilizada,

Lá, lá tinha um negócio de um argumento, argumentos, argumentos aí, aí botava o pessoal pra ‘assuletrar’ quem ‘suletrasse’ o nome que, quanto o outro, o caba ‘suletrasse’, o caba tinha direito de dá um bolo ‘né’, se o cabo ‘assolettrasse’ o outro errasse, aquele que errasse ia levar o bolo, aí (professor) botou eu pra soletrar um nome ‘né’, ainda hoje eu me ‘alembro’ o nome era “rasteiro” ‘né’ “rasteiro”, aí ‘Chumbeu’ foi ‘assolettrar’ e não ‘assoletrou’, aí botou, (professor) - Alexandre vamos ver, aí eu ‘assolettrei’, aí (professor) - bolo em nele, aí peguei a mão dele, menino (risos) eu dei um bolo nele, aí ele disse um dia tu me paga (risos), mas foi pouco ‘tempos’ eu saí da escola, mas nunca ele teve gosto de me dá um bolo... Pois é, ele pelejou não ‘assoletrou’ e eu: ‘Assolettrei’ rasteiro, R-A-S-T-E-I-R-O, rasteiro, o professor bolo em nele, aí eu queimei (risos)... (Poeta, 2018)

Às ocasiões guardadas as poesias eram afáveis, acompanhados de muitas gargalhadas,

Estrelinha miudinha faz o céu ficar confuso/  
não quero nada impossível/ só quero se  
for de gosto;  
Menina das mãos de neve/ que na minha mão pegou/  
me deixou um amor tão firme/  
que nunca mais se acabou;

Menina da saia parda e a blusa da mesma cor/  
menina tu case logo/ antes que eu te  
de amor,

Menina parte a laranja e me da banda madura/  
que to de namoro novo/ não posso  
comer verdura (risos) (2018)

“Rapaz agora era um tempo animado pra ta na escola, eu achava animado”. *Poeta* ilustra uma educação desenvolvida a prática de um educador que fez da sua ação, formação

para os sertanejos, e não um mecanismo de decorrer informações remotas a realidade, que causam deficiências a quem as recebem. Sendo esse o papel primordial da educação, não se restringindo a apenas inculpar saberes de forma desconecta. (BRAGA, 2004)

Não compartilhando de forma tão acalorada os flagelos da *Sonhadora*, que na educação enviesada ao longo da sua vida não pode se aformosear, *Persistente*, nos seus últimos instantes em um espaço de educação formal teve resultados majestosos. De forma carinhosa, ao lembrar da professora que o ensinou, relata, “As aula dela era bem boinha naquele tempo, eu gostava demais, era tudo animada, pessoa 100%, boa mesmo, divertida mesmo [...]”. A metodologia utilizada, ele esclarece,

Era a ‘carterazinha’, tinha vez que a gente quando tivesse a carteira à professora mesmo escrevia os nominhos, as coisas, o ABC, a folhinha de ABC pra pessoa estudar, quem tinha cartilha quando precisava da cartilha tinha vez, quem pudesse comprar, comprava, não sendo, ela fazia escrever os nomes, ah, ah o ABC, chamava o ABC maiúsculo, ABC ‘menúsculo’, aí pra sílaba, aí escrevia o nome era assim, começava assim... Copiando... [...] (2018).

A essa educadora de forma afetuosa nomeada de “boinha, pessoa 100%”, nos apoiamos nos falares de D’Alva; Nascimento; Oliveira, Paula (2004) que titulam nessa prática, uma educadora que constrói os seus fazeres como facilitadora de todo o processo, e não como uma autoridade máxima que dispõem, detém, de todo o conhecimento, atribuindo aos seus alunos como os protagonistas de todo o processo.

Encerrando o cliço de saberes sistemáticos em toda a sua história percorrida. No último mês de estudo, as suas notas foram inspiradoras, e de forma orgulhosa *Persistente* aclara, “ainda hoje me lembro no último mês que eu estudei, a prova mais baixa que eu tirei foi oito, nove e dez, ainda hoje me lembro...”

Entendemos nos dizeres expressados, que nem todos foram sobressaídos a práticas educativas que aspiravam formar “sujeitos ativos e participativos na sociedade que vivem” (BRASIL, 2011, p.2). Mas devemos ligar a luz que clareou práticas relevantes para quem as experimentavam. Desbravado o contexto da Educação de Jovens e Adultos ocorrida no cenário sertanejo, nos conduzimos a cruzar um terreno de eventos dolentes, durados por quem não pode vestir os melhores trajes da educação formal na suas vidas.

#### **4.3 Elementos que apontem a formação escolar do homem sertanejo como fator relevante para a qualidade de sua vida.**

O padecer é crescido, persistir a uma região diferente de frutos acanhados. Oferecer a sua mão de obra e dela tão pouco embolsar, porém, não escolhendo seguir a outro horizonte, diante das oportunidades que a vida semeou a colheita feita somente isso brotou. Nessas palavras, desabrochamos o itinerário seguido a vida daqueles que dos estudos tocados pouco foi disseminado.

Se eu tivesse estudado mais, tenho pra mim que a minha vida seria melhor, oh [...] porque você sabendo oh, ler, você sabe onde ta você não sabendo ler, nem que seja um lugar errado, você entra que você não sabe. Uma importância mais do que essa, tem uma importância maior do que essa aí, saber ler, e quem não sabe oh, nem aí, não sabe aonde vai, onde fica, só sei que vai... (Sonhadora, 2018)

*Sonhadora* de forma sensível expõe a sua opinião da grande estima que é desfrutar do universo letrado. Posto que para todos que não sabem ler, nem mesmo autonomias podem conter, não possuindo a liberdade de poder está aonde desejar sem ter o receio de adentrar a um local de forma errônea. As suas palavras marcam que a educação na sua vida, não operou as transformações necessárias para que pudesse ser preservada e vivida com dignidade. (OLIVEIRA; PAULA; SIQUEIRA, 2004).

*Persistente*, fez uma colação um tanto caricata para demonstrar o poder da educação na geração de aptidões, ilustrando que o pouco que aprendeu arranhou com que soubesse distinguir o nome de uma pessoa e de um jumento. *Poeta*, por sua vez foi mais curto no esclarecer das vantagens de saber escrever o seu nome, afirmando que não era mais analfabeto. Assim sendo, Pinzoh manifesta que a escola para esses sujeitos principiou a sistematizar “sua contribuição para a melhoria das condições de vida do sertanejo” (2004, p. 121).

Não, aí, aí, é como diz a história, pra mim... O pouco que eu aprendi pra mim, graças a Deus, foi uma graça de Deus pra mim, foi uma graça de Deus, se nada, se nada eu não tivesse me forçado pra aprender mais, pior seria pra mim porque a coisa, mas ruim é a pessoa... É a gente, é a gente como diz a história, você escrever o nome da pessoa, o nome do jumento e a pessoa ‘oia’, e não saber qual é o nome ‘né’, qual é o nome da pessoa e qual é o nome do jumento, como acontece ‘né’, uma pessoa que não souber de jeito nenhum, você pode escrever o nome do jumento e o seu nome, o nome da pessoa, aí não, eu não sei não... (Persistente, 2018)

É, melhorou um pouco por que, só em a pessoa aprender em assinar o nome, já não é mais analfabeto ‘né’, é alfabetizado, o pessoal dizia que quem assina o nome não é analfabeto é alfabetizado, achei que ‘amiorei’ ‘né’... (Poeta, 2018)

Na Longa jornada de vida desses aguerridos, a educação experimentada transbordou momentos a serem existidos com maior qualidade, a outros, como questões rotineiras, em

presença da sua falha, as fez mais enredadas como vivido por *Sonhadora*, ao expor, que diante da sua condição não podia aos filhos ajudar nas tarefas da escola,

Eu não ter continuado os estudos provocou muita coisa... Eu, eu me batia demais quando os meus meninos ia pra a escola, meu marido não sabia ler, ele sabia ler o nome dele, fazer o nome dele como eu, aí eu pedia as meninas aqui em cima pra ensinar quando era prova [...] (2018)

Distinto a experiência relatada, *Persistente* um homem de muitas facetas, das atividades crescidas na roça também faz aventuras no comércio de artigos do vestuário masculino e feminino. Afirmando, que mesmo a restrita formação recebida, muito o auxilia nas suas entrepostas, para sustentar a sua fala de um argumento certo utiliza,

Ah se eu não tivesse estudado era pior, pior e muito, teve um ‘caba’ aqui mesmo de Fátima que vendia umas coisas, aí quando chegava no lugar o povo era quem assentava, botava a importância e tudo, graças a Deus pra isso não, se eu quiser de vender e, se eu vender, só eu quiser mandar bota, mas eu sei botar a importância, não tenho a letra boa não, sei botar o nome também não sendo tão difícil eu boto, graças a Deus ‘né’... Eu consigo, não carece botar, o que eu mesmo vender eu ‘boto’... Se eu não tivesse aprendido nada não tinha nem condição. Eu mesmo boto, se a pessoa tiver me devendo eu mesmo boto, graças a Deus conheço... (2018)

Para estudar no sertão, *Poeta* a sua experiência durada reconhecia que teria que enfrentar muitos obstáculos, como o labor na roça que demanda esforços instigantes e a falta de recursos. Mesmo diante da certeza de que o futuro cometido na educação poderia ter vantagens fervorosas, decidiu não persistir, fazendo do amor o seu maior labor e logo se casou,

Não é que... Não ‘amiorou’ quase nada porque eu fiquei foi mesmo trabalhando, porque se eu tivesse me formado ‘ta certo’... Tinha melhorado porque se o meu pai tivesse condição mesmo de me bota pra estudar eu tinha certeza que tinha me formado, porque o Professor disse pra mim - se você for estudar mesmo você se forma, porque o seu estudo é no jeito, mas aí eu não tive condição, mas aí eu disse eu vou é me casar mesmo que é mior, aí eu abandonei, mas, mais também assinar o meu nome eu assino em qualquer lugar... (2018)

Dessa forma, o conhecimento formal, “nesse saber e nesse mundo do sertão que pudesse repercutir em melhoria de qualidade de vida para esses povos do sertão” não se consolidou. (FIGUEIREDO, 2004, p. 48).

*Sonhadora*, de forma emocionante confessa as direções seguidas a sua vida por na educação sistemática não ter podido realiza-se. Fazendo da sua tristeza, alicerce para erguer os pilares findáveis para os seus filhos experimentarem as veleidades de um saber sistematizado por ela não sentido,

[...] era a coisa mais importante da minha vida se eu soubesse ler, toda vida eu dizia, oh, eu não sei ler porque o meu pai não teve condição de botar nem a minha mãe... (choro)... Mas se eu tiver os meus filhos... (choro)... Não vai ser como eu... Como foi... Diferente, graças a Deus meus filhos todinhos sabem ler... (choro)... Mas eu não sei... (choro)... É triste [...] não saber ler...;

Olha, prefiro nem comer, passar fome, mas os meus filhos têm de estudar, não tem que ser cega que nem eu não, quem não sabe ler é cego e doido, sempre eu dizia, olha... (Sonhadora, 2018)

**Fotografia 08:** Sonhadora sentada em frente da sua moradia.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2018.

As palavras alastradas a uma mulher que diante dos seus flagelos não se abateu, e os fez impulso para que os seus descendentes um futuro distante do seu experimentassem. Fazem de grande estima apresentarmos as palavras pronunciadas pelo professor Durval, em 1998 no simpósio decorrido em Juazeiro, no estado da Bahia, sobre uma educação no espaço do semiárido, declarações que foram rerepresentados nas escritas de Pinzol,

[...] o prof. Durval nos desconcertou, porque ele desconstrói, inclusive, a própria noção de *identidade nordestina*, naquilo que ela tem de reacionária, de ressentida e presa a uma imagem tosca, rude, do nordestino; aquilo que na questão de que, toda vez que se vê um nordestino na televisão ou em outra forma de veiculação e representação da imagem do nordestino, ele tem que ser idiota, burro, tem que falar errado, se comportar como alguém que nunca viu um carro, que tem horror ao progresso... (2004, p. 120).

O nordestino do semiárido a modelar a *Sonhadora*, não é formado por traços de forma certa desconstruída no discurso do educador. O homem, a mulher do sertão estima de vasta compreensão e tão sabiamente esclarece as dimensões tomadas as consequências da falta de uma formação as suas vidas. Ao passo que *Persistente*, prende a imagem de um habitador da vastidão dourada afirmado por Durval, quando envolve que a nova geração tem mais oportunidades para nos estudos se aprimorar,

[...] eu mesmo tenho digo, hoje às facilidades que tem as 'leitura', estudar, se fosse o meu tempo mesmo eu dono de casa, mas se eu tivesse no meu tempo, na minha idade dos meus 30, 40 anos, eu tava estudando, estudava sempre... Estudava, mas já estou 'veio', precisar da letra preciso, mas eu num vou é estudar mais... (2018)

A sua fala concluí ao afirma, que a sua vida, mais leve poderia ser durada, se uma formação profissional tivesse contido,

Se eu tivesse estudado mais, 'oxente', 'amelhora' muita coisa tinha condição de empregar um emprego melhor, não era vivia só escravizado, pesado porque a pessoa tendo o estudo tem condição de, de fazer curso, enfrentar qualquer tarefa mais... Mais clara, como diz a história, mais maneira... Mas sem precisar ir pra a roça, enfrentando a roça, mas não me maldigo não, é o jeito 'mermo'... (2018)

**Fotografia 09:** Persistente na sua Roça Barragem.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2018.

A educação tudo pode transformar e agregar, seja mínima a sua contribuição tecida, *Poeta* bem percebe, ao afirmar, “[...] eu me arrependi de não ter continuado ‘né’, estudar, porque eu tenho certeza, nem que eu não me formasse... Tinha aprendido muito”.

**Fotografia 10:** Poeta capinando na sua Roça Os Pereira.



**Fonte:** Arquivo da pesquisadora, 2018.

A experiência é rica e a caminhada sempre será inconclusa. Os aprendizados que obtivemos e as reflexões que fizemos que faremos conjuntamente nos levarão a outro patamar e, como em todo movimento relacionado ao campo do saber, a percepção do quanto nos falta saber produz um desejo crescente de continuarmos a criar, a fazer, a descobrir e a produzir mais saber. (OLIVEIRA; PAULA; SIQUEIRA, 2004, p. 174)

As palavras redigidas às declarações dos autores, muito firmes revelam o retrato tecido da educação de jovens e adultos na totalidade do sertão. A sua ação um tanto motivou e idealizou os que dela experimentaram. Entretanto, do que muito poderia ser alterado e concebido, pouco solidificou. Todavia, a vida a sua longitude idealizou de uma forma distinta, a quem com grande estima buscou na educação formal, melhores feitos para uma vida tão cheia de penúrias “meu sonho se realizou nos meus netos, todos estudam, uma já ‘tá’ formada” (SONHADORA).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os horizontes apreciados ilustraram o contexto de uma educação de pessoas jovens e adultas estendida ao espaço sertanejo. Para alcançarmos o proposto, admiramos os elementos históricos e legais da Modalidade de Ensino Educação Jovens e Adultos; a vida do homem do sertão, no contexto do semiárido de Picos, Povoado Fátima do Piauí; o ensino formal de adultos no cenário do Sertão; assim como, os fatores que apontem a forma escolar do homem sertanejo como fator relevante para a qualidade de sua vida.

Como pilar para sustentar todo o estudo concebido, a problemática em questão sucedeu: de que maneira a Educação de Jovens e Adultos pode contribuir para o bem estar do homem sertanejo, no Povoado de Fátima do Piauí, localizado no município de Picos/PI?

Para o objetivo central, elegemos analisar como a Modalidade de Ensino Educação de Jovens e Adultos pode contribuir para a escolarização e bem estar do homem sertanejo. Em presença, de que esses homens e mulheres ao longo de suas vidas vivem em condições adversas a espaços físicos e geográficos que alastram e robustecem as diferenças sociais, econômicas e políticas em nosso país. Assim como, travam o desenvolvimento humano e os condicionam a posições fadadas ao fracasso social.

Para percorremos o caminho demarcado, o estudo de campo com abordagem qualitativa e descritiva foram os escolhidos. Para alcançarmos todas as respostas encontradas, que sobrevieram às histórias de vidas dos sobreviventes de uma imensidão acalorada, que por destrezas do destino na educação formal não puderam acolher os frutos mais formosos. Histórias rememoradas a relatos orais conhecidos em prática das narrativas, que foram instigadas em meio às entrevistas semiestruturadas e registradas de forma fiel nos diários de bordos.

Selada as passagens das coletas e registros do saberes conhecidos, a análise de conteúdo comportou todo o flóreo de reflexões para semearmos as escritas dos achados encontrados. Nesse feitio, formulamos três categorias a serem cuidadosamente assistidas e amparadas às considerações cedidas pelos os autores que ao longo de todo o trajeto apresentado contribuíram com o exposto.

A primeira categoria, *A vida do homem do sertão, no contexto do semiárido de Picos, Povoado Fátima do Piauí*, permitiu o conhecer de uma vida tomada a muitos duelos, a um ambiente de veredas diferentes de clima ardente, que não acomoda faceiros de coragem rala. A esse cenário, não plana apenas o sofrimento de um povo que tão arduamente resiste à presença de tamanha secura, além de intensas jornadas de trabalho compradas por poucos mil-

réis, como ainda, uma fé inabalável que os fortalece e encoraja para prosseguir a semear uma terra que pouco pode brotar.

A outra categoria intitulada *O ensino formal de adultos no cenário do Sertão*, arranhou a derramar a verdade sobre uma educação decidida a ofertar mais para aqueles que na fase da suas vidas serenas previstas como oportunas não puderam se aformosear dos prazeres da educação básica. As palavras tão remotas, mas compostas de toda a essência certa para as dúvidas surgidas, *Sonhadora*, *Persistente* e *Poeta* narraram os fazeres seguidos da educação de contornos formais as suas vidas.

Tomada a uma reflexão cercada a sentimentos fervorosos medidos por todas as revelações apresentadas por quem protagonizou esse processo educativo, que revelaram um contexto envolvido de um cansaço causado por fazeres forçosos diante das obrigações do ardo labor da roça, causando prejuízos valorosos aos estudos praticados. Assim como, práticas alastradas para um ensino distante da realidade de quem sedento estava. Por outro lado, a prática de um ensino nascido a percussores que abraçaram as características dos seus aprendizes, disseminou. Mas diante das destrezas apontadas, não puderam ser consagradas.

A vida seu percurso seguiu, como a água de uma chuva que estende a todos os caminhos de uma terra ardente. No desenho vestido, o nosso olhar caminha para o último broto zelado, intitulado *elementos que apontem a formação escolar do homem sertanejo como fator relevante para a qualidade de sua vida*. Os relatos efervescidos por quem na educação formal não pode usufruir dos melhores ares, as tristezas e os ressentimentos foram revelados por quem reconhece que suas vidas não puderam ser conduzidas nos melhores percursos, visto que os saberes sistemáticos não conhecidos nos detalhes mais inclusos prejuízos atentaram.

Ao fim, de todos os arados e as sementes, cuidadosamente findadas nos diários de bordo, e de forma sensível contempladas e incansavelmente admiradas, fez colher o conhecimento de uma prática educativa para sertanejos que na idade corada, ajustada para o ciclo da educação básica concluir, de forma sucessiva não pode provir, e ao não atender as suas características, necessidades e o seu contexto de vida, atentou contra o seu bem está, a sua qualidade de vida e, os longos anos que poderiam terem sido dedicados a sua escolarização. Dessa forma, precedendo a quem dela buscou um destino marcado pelo sentimento de que se tivesse seguido tecendo os saberes metódicos, o viver teria sido menos doloroso.

Para ultimamos toda a reflexão lançada ao longo do estudo construído, reconhecemos a relevância da temática em voga para as pesquisas sociais de linhas educativas. Definimos

dessa forma, a importância para que trabalhos póstumos possam aprofundar a reflexão incidida sobre as práticas educativas anunciadas a oportunizar todos que foram socialmente, economicamente e politicamente, lesados diante de uma educação que não pode envolver todas as penúrias abraçadas ao seu contexto de vida.

## REFERÊNCIAS

### A-BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Francisco Cordeiro. Diário: contributo para o desenvolvimento profissional dos professores e estudo dos seus dilemas. **Millenium: Revista do ISPV**, n. 29, p. 222-239, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millenium/Millenium29/30.pdf>>. Acesso em: 10 de out. de 2018.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ARAÚJO, Sérgio Murilo Santos de. **A Região Semiárida do Nordeste do Brasil**: Questões Ambientais e Possibilidades de uso Sustentável dos Recursos. Disponível em: <[https://www.fasete.edu.br/revistarios/media/revistas/2011/5/a\\_regiao\\_semiarida\\_do\\_nordeste\\_do\\_brasil.pdf](https://www.fasete.edu.br/revistarios/media/revistas/2011/5/a_regiao_semiarida_do_nordeste_do_brasil.pdf)>. Acesso em: 29 de ago. de 2018.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. Geral e Brasil. São Paulo: Moderna, 2006.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo/ Laurence Bardin: tradução Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro, - São Paulo: Edições 70, 1977.

BRAGA, Osmar Rufino. O Caminhar no Sertão: a produção de saberes parceiros. In: Kuster, Angela; Mattos, Beatriz Helena Oliveira de Mello. (org). **Educação no contexto do semiárido brasileiro**. 2 ed. Fortaleza: Konrad Adenauer, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Brasil Alfabetizado**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-brasil-alfabetizado>>. Acesso em: 30 de jul. de 2018.

\_\_\_\_\_. Secretário do Governo, Presidência da República. **ProJovem**. Disponível em: <[http://www.secretariadegoverno.gov.br/noticias/2007/09/not02\\_05092007](http://www.secretariadegoverno.gov.br/noticias/2007/09/not02_05092007)>. Acesso em: 30 de jul. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf)>. Acesso em: 31 de jul. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>>. Acesso em: 10 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº 11/2000**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11\\_2000.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf)>. Acesso em: 10 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **PNE: 2011-2020: Metas e Estratégias**. Disponível em: <[http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas\\_tecnicas\\_pne\\_2011\\_2020.pdf](http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas_tecnicas_pne_2011_2020.pdf)>. Acesso em: 10 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Constituição Federativa da República do Brasil de 1988**. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 11 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº 36/2004**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb036\\_04.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb036_04.pdf)>. Acesso em: 12 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº 20/2005**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb20\\_05.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb20_05.pdf)>. Acesso em: 12 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº 11/2011**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=9251pceb011-11&category\\_slug=outubro-2011-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9251pceb011-11&category_slug=outubro-2011-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 12 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB nº 4 de 27 de outubro de 2005**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb04\\_05.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb04_05.pdf)>. Acesso em: 14 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº 23/2008**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=5366pceb06-10&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5366pceb06-10&Itemid=30192)>. Acesso em: 14 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº 6/2010**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/pceb023\\_08.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/pceb023_08.pdf)>. Acesso em: 14 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB nº 3**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=5642rceb00310&category\\_slug=junho-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5642rceb00310&category_slug=junho-2010-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 13 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº 29/2006**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=14346pceb029-06&category\\_slug=outubro-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14346pceb029-06&category_slug=outubro-2013-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 14 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº: 1/2016**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=33201-cne-ceb-parecer-n01-2016-pdf&category\\_slug=fevereiro-2016-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=33201-cne-ceb-parecer-n01-2016-pdf&category_slug=fevereiro-2016-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 14 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº: 4/2013**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=33201-cne-ceb-parecer-n01-2016-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=33201-cne-ceb-parecer-n01-2016-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 14 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parecer n.º: 36/2001**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/EducCampo01.pdf>>. Acesso em: 15 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category\\_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 15 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº: 1/2006**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb001\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb001_06.pdf)>. Acesso em: 15 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº: 30/2006**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb030\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb030_06.pdf)>. Acesso em: 15 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº: 23/2007**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=63041pceb023-07-pdf&category\\_slug=abril-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=63041pceb023-07-pdf&category_slug=abril-2017-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 16 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº: 3/2008**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/pceb003\\_08.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/pceb003_08.pdf). Acesso em: 16 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Resolução nº 2, DE 28 de abril de 2008**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/rceb002\\_08.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/rceb002_08.pdf)>. Acesso em: 16 de ago. de 2008.

CICATRIZ, Frases de. **Os Vigaristas**. Disponível em: <https://www.osvigaristas.com.br/frases/cicatriz/>. Acesso em: 07 de Nov. de 2018.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões** (Campanha de Canudos). 2 ed. Rio de Janeiro: Laemmert e C, 1903.

CUNHA, Renata Cristina da. **A Pesquisa Narrativa: uma estratégia investigativa sobre o ser professor**. 12 páginas.

D'ALVA, Arruda Cinira; NASCIMENTO, Carvalho Juliana; OLIVEIRA, Rodrigo de; PAULA, Francirene de Sousa. Jovem: ator da transformação e desenvolvimento local. In: Kuster, Angela; Mattos, Beatriz Helena Oliveira de Mello. (org). **Educação no contexto do semiárido brasileiro**. 2 ed. Fortaleza: Konrad Adenauer, 2004.

FIGUEIREDO, João B. de Albuquerque. O Caminhar no Sertão: a produção de saberes parceiros. In: Kuster, Angela; Mattos, Beatriz Helena Oliveira de Mello. (org). **Educação no contexto do semiárido brasileiro**. 2 ed. Fortaleza: Konrad Adenauer, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

Freitas, Maria de Fátima Quintal de. Educação de jovens e adultos, educação popular e processos de conscientização: intersecções na vida cotidiana. **Educar em Revista Dossiê: Educação de Jovens e Adultos: novos diálogos frente às dimensões contextuais contemporâneas**, Curitiba, n. 29, 2007. Disponível: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602007000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602007000100005)>. Acesso em: 30 de set. de 2018.

CRUZ, Casa de Oswaldo; CRUZ, Fundação Oswaldo. **A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1992. O microscópio em busca da nação. p. 51-109.

GARCIA, Edmundo. **O retrato do homem do sertão**. Disponível em: <<http://culturanoordestina.blogspot.com/2012/10/o-retrato-do-homem-do-sertao.html>>. Acesso em: 26 de out. de 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: Amada, Janaína; Ferreira, Marieta de Moraes. (org). **Usos e Abusos da História Oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2000.

MATTOS, Beatriz Helena Oliveira de Mello. **Educação no contexto do semiárido brasileiro**. 2 ed. Fortaleza: Konrad Adenauer, 2004.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Sousa. Educação e Pesquisa. **Metodologia qualitativa de pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio./ago. 2004.

MENEZES, Geovânia David de Sousa; OLIVEIRA, Ilma Maria Costa da Silva; SIQUEIRA, José Maria. (org). Instituto Elo Amigo: experiência de formação de educadores sociais num processo de educação para o desenvolvimento local com adolescentes e jovens no semiárido cearense. In: Kuster, Angela; Mattos, Beatriz Helena Oliveira de Mello. (org). **Educação no contexto do semiárido brasileiro**. 2 ed. Fortaleza: Konrad Adenauer, 2004.

MONTEIRO, Gonçalves Herme. Sertaneja Educação – a experiência educativa da ONG caatinga. In: Kuster, Angela; Mattos, Beatriz Helena Oliveira de Mello. (org). **Educação no contexto do semiárido brasileiro**. 2 ed. Fortaleza: Konrad Adenauer, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOURA, Maria da Gloria Carvalho. **Educação de Jovens e Adultos**: um olhar sobre sua trajetória histórica. Curitiba: Educarte, 2003.

MOURA, Tania Maria de Melo. **A Formação de Professores Para EJA**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MORIN, Edigar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Biografias**. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/friedrich-nietzsche-biografia-pensamento-e-frases/>. Acesso em: 06 de Nov. de 2018.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de Campo como Descoberta e Criação. In: Minayo, Maria Cecília de Sousa. (org). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Maria Cristina de; PAULA, Cláudia Regina de. **Educação de Jovens e adultos**: a educação ao longo da vida. 1 ed. Curitiba: Ibpx, 2011.

PATTERSON, A. **Processes, relationships, settings, products and consumers**: the case for qualitative diary research. *Qualitative Market Research: an International Journal*, v. 8, n. 2, p. 142-156, 2005.

PINZOH, Josemar de Silva Martins. Educação no Brasil e a Proposta de Educação Contextualizada. In: Kuster, Angela; Mattos, Beatriz Helena Oliveira de Mello. (org). **Educação no contexto do semiárido brasileiro**. 2 ed. Fortaleza: Konrad Adenauer, 2004.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

RIBEIRO, Vera Masagão. Breve Histórico da EJA no Brasil. In: **Proposta curricular 1º segmento Ensino fundamental**. MEC: Ação Educativa – Brasil, 2001.

SANTOS, Ana Cely Duarte Barbosa dos. **O Programa Brasil Alfabetizado e os Desafios Docentes**. Guarabira, Parnaíba, 2014.

SATER, Almir. **Frases de Almir Sater**. Disponível em: <[https://www.pensador.com/frases\\_de\\_almir\\_sater/](https://www.pensador.com/frases_de_almir_sater/)>. Acesso em: 06 de Nov. de 2018.

SILVA, Francisca Giuslane. A memória coletiva. **Revista do corpo discente do PPG – História da UFRGS**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, Ago. 2016.

SILVA, Valdir Pierote; BARROS, Denise Dias. **Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional**. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14087/15905>>. Acesso em: 15 de jul. de 2018.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALMONT, Cris. **Biografia**. Marcel Proust. Disponível em: <<http://anosloucos.blogspot.com/2010/01/marcel-proust.html>>. Acesso em: 23 de jul. de 2018.

UNESCO. **Confitea V: Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos**. Julho de 1997. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/imagens/0012/001297/129773porb.pdf>. Acesso em: 30 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. **Confitea VI: Marcos de ação em Belém**. Brasília, abril de 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/imagens/0018/001877/187787por.pdf>>. Acesso em: 30 de ago. de 2018.

Sertão de Aço. **Luiz Gonzaga**. Disponível em: <<https://www.letras.com.br/luiz-gonzaga/sertao-de-aco>>. Acesso em: 20 de jul. de 2018.

SOARES, Mariana Baieler. **O campo e a Cidade na História e na Literatura (Raymond Williams) e uma Possível Aproximação ao Regionalismo Gaúcho**. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/viewFile/2872/1825>>. Acesso em: 17 de ago. de 2018.

WERTHEIN, Jorge Ricardo (org.) **Educação de Adultos na América Latina**. São Paulo: Papyrus, 1985.

## **B - SERTANEJOS:**

SANTOS, Ilda Rodrigues. História de Vida concedida à Tamires Santos Neto na data: 26/10/2018, Povoado Fátima do Piauí - Picos - Piauí-PI.

LEAL, Luis Borges. História de Vida concedida à Tamires Santos Neto na data: 26/10/2018, Povoado Fátima do Piauí - Picos - Piauí-PI.

MARTINS, Alexandre Lopes. História de Vida concedida à Tamires Santos Neto na data: 28/10/2018, Povoado Fátima do Piauí - Picos - Piauí-PI.

**APÊNDICE**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

Roteiro de Entrevista elaborado para coleta de dados, utilizado na pesquisa monográfica intitulada “Educação de Pessoas Jovens e Adultas no Contexto do Sertão”, desenvolvida pela acadêmica Tamires Santos Neto, sob a orientação da docente Isabel Cristina de Aguiar Orquiz.

**Objetivo:** Analisar como a Modalidade de Ensino Educação de Jovens e Adultos pode contribuir para a escolarização e bem estar do homem sertanejo.

#### **Questões norteadoras:**

- A vida do homem do sertão, no contexto do semiárido de Picos, Povoado Fátima do Piauí.
- O ensino formal de adultos no cenário do Sertão.
- Elementos que apontem a formação escolar do homem sertanejo como fator relevante para a qualidade de sua vida.

Universidade Federal do Piauí  
Campus Senador Helvidio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia  
Picos - Piauí. CEP: 64.607-670  
Site institucional: <http://www.ufpi.br/>

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a),

Eu, Tamires Santos Neto, graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia – UFPI, sob a orientação da Profa. Ma. Isabel Cristina de Aguiar Orquiz, estou realizando uma pesquisa que tem como objetivos “Analisar como a Modalidade de Ensino Educação de Jovens e Adultos pode contribuir para o bem estar do homem sertanejo”; “Conhecer elementos históricos e legais no que diz respeito a educação de pessoas jovens e adultos”; “Investigar a vida do homem do Sertão, no contexto do semiárido de Picos, Povoado Fátima do Piauí”; “Averiguar o ensino formal de adultos no cenário do Sertão”, e, “Identificar elementos que apontem a formação escolar do homem sertanejo como fator relevante para a qualidade de sua vida”.

Para efetivação da pesquisa, gostaríamos de contar com sua colaboração por meio da atribuição de respostas ao roteiro de questões que será aplicado pela acadêmica citada acima. Como também o consentimento do uso de documentos pessoais e familiares (fotos, cartas, cadernos, bilhetes) que possam contribuir para o alcance dos objetivos propostos. Assim, para que você possa respondê-lo com a máxima sinceridade e liberdade, queremos garantir que a pesquisa segue os termos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Desse modo, o fornecimento de informações deve ser livremente consentido, sendo garantido: a) o sigilo da privacidade do participante quanto aos dados de identificação e resultados obtidos; b) que as informações sobre o estudo serão fornecidas pelo pesquisador para que o participante possa decidir livremente sobre sua participação na pesquisa; c) as informações prestadas pelo participante durante a pesquisa não implicará em riscos ou benefícios a ele; d) a liberdade de recusar a participação ou retirar o consentimento, a qualquer momento.

A fim de que possamos levantar os dados necessários ao desenvolvimento da pesquisa, solicitamos que você manifeste sua aceitação em participar deste estudo assinando esse termo e inserindo um número de documentação pessoal.

Na expectativa de contar com sua colaboração, agradecemos a sua atenção e colocamo-nos à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

---

Assinatura do participante da pesquisa

---

Assinatura da testemunha

Contato com o Pesquisador Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o pesquisador através do número (89) 9 9932-7396 ou entrar em contato por meio do endereço que consta no cabeçalho deste Termo.

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Assinatura do Pesquisador Responsável



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
(X) Monografia  
( ) Artigo

Eu, Tamires Santos Neto,  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Educação de Pessoas Jovens e Adultas no Con-  
texto do Sertão  
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 23 de maio de 2019.

Tamires Santos Neto  
Assinatura

Tamires Santos Neto  
Assinatura